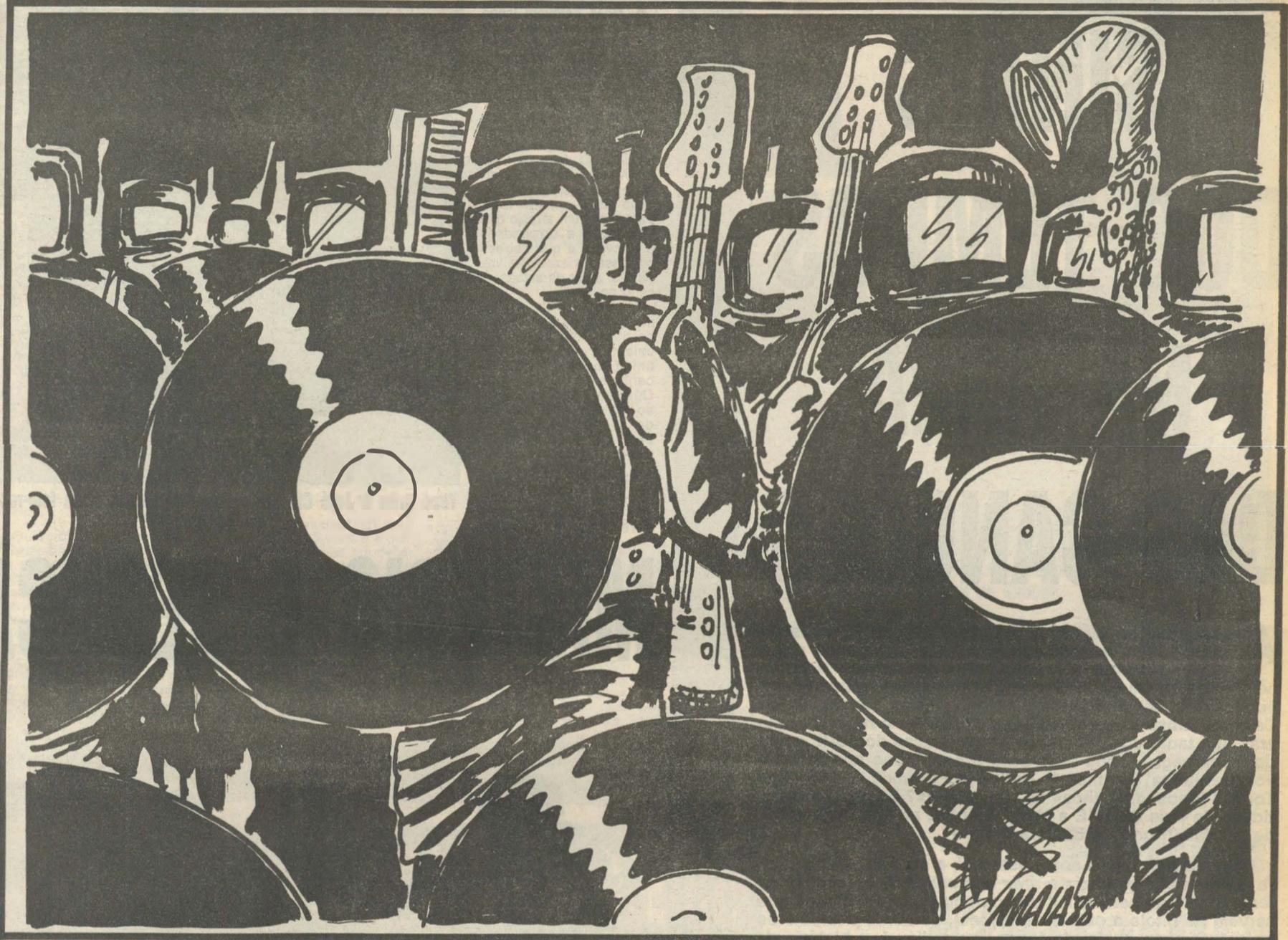


VIVA A MÚSICA



ENTRE A BALADA E O «ROCK»

20.º ANIVERSÁRIO - N.º 5

A CAPITAL

Director: RODOLFO IRIARTE

Suplemento
do jornal
«A Capital»

NÃO PODE SER VENDIDO
SEPARADAMENTE DA EDIÇÃO
DE 25 DE FEVEREIRO DE 1988

A CAPITAL

Vinte anos

SINAIS DOS TEMPOS NA ÁREA DAS CANÇÕES

ASSIM que se lerem os «cabeçalhos» de 20 anos de discos, das escolhas solitárias e arriscadas entre 1968 e 1987 começarão as perguntas: então e o Adriano Correia de Oliveira? Que é feito dos grandes instrumentistas como Carlos Paredes, António Pinho Vargas, Pedro Caldeira Cabral e Rão Kyao? Onde foi parar o rock «de uma era» que tanto podia justificar as presenças dos UHF como dos Jafumega? Onde está Lena d'Água! Que aconteceu à voz de Janita Salomé? E Carlos do Carmo? E Fernando Tordo? E aos «fogachos» de Né Ladeiras? E à eterna maturidade de Luís Cília? E a Maria João? E ao novo «campeão de vendas» Nuno da Câmara Pereira?

Com a devida vénia aos 'ausentes', a escolha não se altera mesmo: ela privilegia a *área das canções*, os *sinais dos tempos* (e isso será difícil de confundir com as modas que servem de bitola a outras seleções), as *obras-primas* e os nomes sem os quais, de forma irremediável, a história da música portuguesa nas últimas décadas ficaria truncada e desfocada. Dir-se-á então: era mais fácil alinhar continuidades e diferenças nas obras de José Afonso ou de Amália... O critério estende-se muito mais longe, na sua tentativa para conseguir alguma coerência interna — *não repetir* artistas, grupos e associações ocasionais, privilegiar ao máximo a abertura de uma «frente» que, como se sabe, tem muito mais de comum do que alguns puristas gostariam de reconhecer.

De 1968 a 1987 quase tudo mudou em Portugal e, como é evidente, nas *marcas* das suas canções. Resta um desejo de que, ainda que a lista de «possibilidades» não sofresse um único aumento (hipótese que se confirma académica quando se sabe das ideias e dos talentos que de uma forma mais ou menos paciente esperam a sua vez de «apresentar serviço»), seria, mesmo assim, uma certeza: que os próximos 20 anos pudessem dispor como «argumento» de um leque de linguagens tão vasto, intenso e português como este.

Assim possam os editores, os divulgadores e os críticos discernir e divulgar melhor, preterindo de uma vez por todas a quantidade (ridiculamente expressa numa lei que ninguém pode, em consciência, cumprir sem entrar na área fétida dos subprodutos ou no cansaço precoce dos revivaisismos) e sabendo escolher.

Nestes vinte anos, depois de todo o sincretismo e de toda a confusão, a verdade acabou por não andar (demasiado) longe daqui...

Coordenação de
JOÃO GOVERN

1968

QUARTETO 1111

«Balada
para D. Inês»

AINDA estavam longe de calar-se os ecos da «Lenda de El-Rei D. Sebastião» quando o grupo liderado por José Cid aparecia disposto a reincidir, jogando com outra das figuras que a História e os poetas tinham carregado de mistério e de sedução: D. Inês de Castro. A «fórmula» não divergia no essencial: uma melodia relativamente fácil, tratada por um arranjo que privilegiava a simplicidade e a leveza e que deixava sobressair a excelente voz de Cid, autor de ambas as canções.

Menos fácil de aceitar por quem vira em «D. Sebastião» uma mensagem velada e «nebulosa» — única forma de fingir a censura como o próprio Quarteto 1111 constataria ao ver, dois anos mais tarde, o seu primeiro álbum proibido de divulgação quase na íntegra — foi ver «D. Inês» a concurso no Festival RTP, numa altura em que o 1111 «comandava» claramente a segunda geração da música pop



Tozé Brito e José Cid são os dois da direita nesta foto-recordação do Quarteto 1111

MISTÉRIO E SEDUÇÃO



Quarteto 1111 — uns anos mais tarde — soube representar a sua geração

feita em Portugal, aproveitando o fim dos Sheiks, a relativa inexperiência da Filarmónica Fraude, do Objectivo ou do Pop Five Music Incorporated, contando com a inequívoca vantagem de cantar em português e de, consequentemente, se fazer entender com muito mais facilidade.

Para a história, além da beleza natural e duradoura das canções dos 1111 (e as melhores foram publicadas entre Novembro de 1967 e Março de 1970), ficavam dois factos de importância indelével: primeiro, a demonstração de que a «nova geração» sabia manifestar a sua consciência política, bem patente em temas como «Domingo em Bidonville» ou «João Nada» ou na escolha de um original de Adriano Correia de Oliveira e Manuel Alegre, «Trova do Vento Que Passa», para se transformar numa das poucas versões que o grupo assinou; por outro lado, uma claríssima demonstração de maturidade musical e instrumental dos seus componentes, contrastando com o primarismo da formada anterior, valiosa quase exclusivamente pela atitude e pela pose — só assim se explica, aliás, que o selecto programa «Em Órbita», então dedicado às novidades da música anglo-americana, tenha aberto uma excepção para tocar o 1111.

Pena foi que o Quarteto se deixasse arrastar sem sentido tempo de mais, não sabendo preservar a qua-

lidade das primeiras formações — em que é de lamentar a presença de Tozé Brito que rapidamente tomaria também compositor, a par de Cid. Pena também que José Cid, sem dúvida um dos maiores talentos naturais de que a música portuguesa dispôs nos últimos anos, se arrastasse para formas de expressão pouco compatíveis com a inovação e com a inagotável qualidade que o 1111 tinha atingido. A reunião do Quarteto, há relativamente pouco tempo, contém aquilo que se temia — o contra-senso que está subjacente a esse regresso, depois de os seus componentes terem seguido trajectos distintos e inovadores, tanto entre si como com aquilo que é apontar como herança de um grupo que vale simultaneamente como marco para aqueles que fizeram Beatles a sua referência principal (se bem que, nestes domínios, a primazia pudesse tender para os Sheiks de Paulo de Carvalho e Carlos Mendes), sobretudo como representantes musicais exermos da geração que, mesmo à distância, viveu o Maio de 68. Uma memória, hoje...

■ QUARTETO 1111, «Balada para D. Inês». Letra e música de José Cid. No mesmo lp, editado pela Columbia/EMI, estava a canção «Partindo» com música de Cid para uma «cantiga de amor» de João Rolz de Castelo Branco.

1969

SIMONE

«Desfolhada Portuguesa»

MELODIA IRRESISTÍVEL

simone GRANDE PREMIO IV DA CANÇÃO PORTUGUESA EUROVISÃO 69

TALVEZ tenha começado aqui a mudança que a chamada «música ligeira» portuguesa iria sentir nos anos seguintes, aproveitando as «entrelinhas» e o génio de alguns dos seus autores — José Carlos Ary dos Santos, Nuno Nazareth Fernandes, José Niza, José Calvário e também Fernando Tordo, Paulo de Carvalho e Carlos Mendes, em fase posterior — para fugir à rigidez do nacional-cançonetismo, quase sempre pateta nas palavras (ainda hoje...) e quase sempre sofrível naquilo que conseguia das melodias.

Era ainda o festival da RTP que servia de barómetro ao que se passava na música portuguesa e que viabilizava a «revolução feita por dentro» — depois de Simone cantar, com a garra e (ainda) com a voz que dela tinham feito «rainha da rádio» e «rainha da TV» nos concursos que eram fomentados para «legitimar» essas eleições, a «Desfolhada Portuguesa» não faltou quem recriminasse a cruza da linguagem desta canção que não hesita em mostrar o verso «quem faz um filho, fá-lo por gosto». Hoje, pouco encontramos de arrojado ou de motivo para polémica nesta simplicidade de Ary dos Santos — na altura, este verso chegava para pôr em causa muita coisa...

portuguesa na Eurovisão ou, pelo menos, de uma relativa diferença introduzida nos Festivais da RTP — a tal mudança que conheceria depois protagonistas distintos mas de valor complementar em Fernando Tordo, em Paulo de Carvalho e até em Hugo Maia Loureiro, o homem que teve a seu cargo uma das mais poderosas canções de todo o esmagador património do poeta responsável por parte substancial desta transforação, José Carlos Ary dos Santos, a «Canção de Madrugar», a que apenas é possível equiparar «Cavalo à Solta», «Estrela da Tarde» e alguns dos momentos que constituíram o repertório preferencial de Tordo e, muito mais tarde, de Carlos do Carmo.

Aquilo que mudou com José Carlos Ary dos Santos e a partir dos seus poemas ora desabridos e vigorosos ora ternos e comoventes foi, muito mais do que um simples resultado, todo um processo de encerrar a música portuguesa de grande consumo e de penetração imediata. Mais do que isso, Ary dos Santos foi capaz de recuperar o prestígio dos «poetas de canções» que os anos imediatamente anteriores à sua «explosão» tinham visto



«Desfolhada» foi importante para a carreira de Simone

esmorecer — para a maioria dos portugueses, ele será sempre o homem que dava a força e a vibração às parcerias em que se empenhava e que acabava por encabeçar quase inevitavelmente, mesmo não saindo da «sombra» que habi-

tualmente é reservada aos autores.

Todas as conjecturas são possíveis e quase todas são legítimas neste «aconchego» que são os 19 anos que nos separam da chegada da «Desfolhada». Mas dificilmente se

teria alcançado a perfeição de parábola da «Tourada» sem começar de forma brilhante, assim...

■ SIMONE, «Desfolhada Portuguesa». Letra de José Carlos Ary dos Santos e música de Nuno Nazareth Fer-

nandes. No mesmo «single», com arranjos e direcção de orquestra de Joaquim Luís Gomes, estavam as canções «Cinco Quadras Cinco Pedras» e «Avé-Maria do Povo», esta uma adaptação de Liszt. Edição Decca.

1970

MANUEL FREIRE

«Pedra Filosofal»

NOVO VALOR MELÓDICO

SE fosse preciso simbolizar toda a geração dos «baladeiros», reunir-lhe todas as qualidades e deixar antever as respectivas limitações numa só canção, a «Pedra Filosofal» que trouxe António Gedeão ao campo das cantigas seria inevitavelmente a escolhida. Não só porque se provava que era possível uma cantiga «sem refrão», com um poema que ultrapassava claramente a mediania da época, ainda por cima estereotipada, mas pelo próprio valor melódico que Manuel Freire foi capaz de descobrir.

Parecia inevitável que a «Pedra Filosofal» fosse «pedra de toque» para uma grande carreira — infelizmente, Manuel Freire, depois de uma participação assídua nos «cantos livres» que se seguiram ao 25 de Abril, manteve a sua opção de viver longe de Lisboa e de ficar, com essa decisão, em desigualdade clara com a maioria dos seus colegas de arte. Episodicamente, volta a falar-se em Manuel Freire que ainda recentemente anunciou ter um disco praticamente pronto, ao qual falta um pormenor essencial — uma editora... Mas é indelével que o seu nome se associa quase instintivamente à «Pedra Filosofal» que, de uma maneira

ou doutra, acabou a fazer um papel curioso de canção «de resistência», baseado nos versos «Eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida»...

Começava então a descobrir-se que havia uma poesia apetecível para trazer ao mundo das canções — Manuel Alegre foi um dos primeiros e mais brilhantes «convocados», Maria Teresa Horta foi cantada, redescobriu-se Luís de Camões, descobriu-se Natália Correia, fez-se justiça a David Mourão-Ferreira. E esse foi provavelmente um dos maiores méritos da geração dos baladeiros (em que, entre muitos outros, começou Pedro Barroso): saber apropriar-se da poesia e dotar a música urbana nacional de uma profundidade e de um interesse temático que até então não era claro nem óbvio.

Toda esta nova dimensão da canção portuguesa — que descobria uma forma musical quase rudimentar e uma atitude cultural muito mais consistente e interessante — se prendeu com um dos «fenó-

menos» da época, ainda hoje obrigatoriamente invocado como referencial de uma série de «pedradas no charco» — perante um regime político mas com óbvias consequências no mundo da cultura, do espectáculo, do humor e das canções, que começava a não ter força para fugir a uma certa permissividade que, com o tempo, lhe seria fatal — o programa televisivo «Zip-Zip», comandado por Carlos Cruz, José Fialho Gouveia e Raul Solnado, responsáveis por uma série de descobertas que acabaria por marcar esse tempo de música.

Manuel Freire passa por ser uma delas, ele que foi capaz de aglutinar numa canção a capacidade de observação e a multiplicidade de ansiedades que se vivia nessa época. Tal como o «Zip-Zip», a «Pedra Filosofal» ficará sempre como uma memória poderosa e, por tudo o que se disse e sabe, irrepitível. Muito embora haja muita gente que continue a desconhecer que «o sonho comanda a vida»...

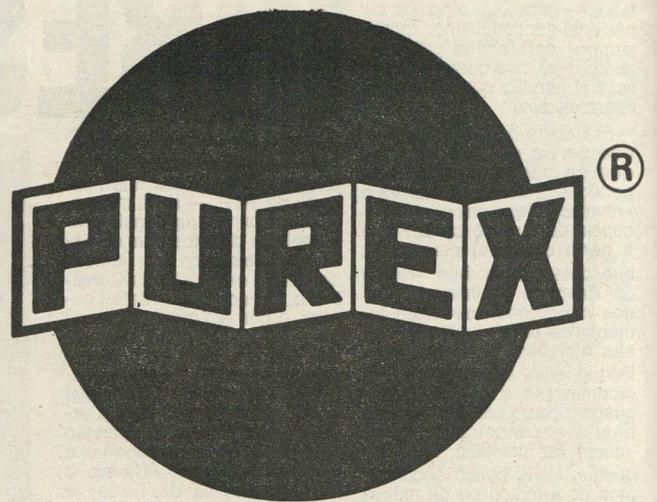
■ MANUEL FREIRE, «Pedra Filosofal». Letra de António Gedeão e música de Manuel Freire.



Manuel Freire — hoje um cantor à procura de editora

PRODUTOS DE HIGIENE, CONSERVAÇÃO E LIMPEZA

- Para o Lar
- Hotéis
- Hospitais
- Cantinas
- Restaurantes
- Fábricas



CHARNECA DE CAPARICA

O NOSSO OBJECTIVO É A QUALIDADE

CONCRETIZE UM PENSAMENTO...
...SEM PESAR NO ORÇAMENTO!!!

AINDA MAIS VANTAGENS!

INOVAÇÕES E NOVAS OPORTUNIDADES
ATRAVÉS DO SISTEMA **MULTIGRUP**

***AUTOMÓVEIS, CASAS
E OUTROS BENS***



MULTIGRUP — PROMOÇÃO E GESTÃO DE CONSÓRCIO, LDA.
PRAÇA JOSÉ FONTANA, 17 - 5.º — 1000 LISBOA
TELEFS. 56 34 21 - 56 34 22

MULTIGRUP — PROMOÇÃO E GESTÃO DE CONSÓRCIO, LDA.
SOLICITO MAIS INFORMAÇÕES SEM QUALQUER COMPROMISSO

NOME _____
MORADA _____
C. P. _____
TEL. CASA _____
EMPREGO _____

1971

JOSÉ AFONSO

«Cantigas do Maio»

DISCO ROMPE CERCO

A chegada da «era do LP» tinha de ser feita com José Afonso e, mais especificamente, com «Cantigas do Maio» que foi considerado o melhor álbum português de sempre. O que, tendo uma componente de justiça relativamente a este disco que deixou perplexos todos os que puderam ouvi-lo na época, acaba provavelmente por não proporcionar à obra de José Afonso o relevo que ela continua a merecer, por ser peregrina e por ser inspiradora de quase tudo o que de bom se fez depois.

Fica esclarecido, em consequência, que outros discos de José Afonso — nomeadamente os dois que se seguiram a «Cantigas do Maio», «Eu Vou Ser como a Toupeira» e «Venham mais Cinco», poderiam sem problemas discutir a primazia. Mas há que reconhecer que nenhum foi tão longe e rompeu tanto o «cerco» como este que acabaria inclusivamente por fornecer o lema da revolução que por forma mais declarada («Coro da Primavera», «Cantar Alentejano») ou de jeito mais velado («Senhor Arcanjo», «Maio Maduro Maio») já vinha toda aqui dentro. E ia muito além de «Grândola, Vila Morena»...

José Afonso começou, com Luís Góis e com Adriano Correia de Oliveira, pelo fado de Coimbra e pela linearidade da balada. Para trás, já tinham ficado nesta altura «Cantos Velhos, Rumos Novos», «Traz

Outro Amigo também» e «Cantares do Andarilho», nenhum deles com as primeiras luzes do que viria a ser, com «Cantigas do Maio», a capacidade de José Afonso descobrir um novo lugar para as suas canções, simultaneamente perto da música tradicional e da música urbana, bem presente aqui na produção (arregios e direcção musical) de José Mário Branco, sempre presente nos maiores «avanços» do autor de «A Mulher da Erva». Depois de Abril de 1974, José Afonso não parou nem se enfeudou, continuando a fazer de canções com alvo um combate que muitos outros não tiveram forças para manter — gravaria «Coro dos Tribunais», «Com As Minhas Tamanquinhas», «Enquanto Há Força», «Fura, Fura», «Fados de Coimbra», «Ao Vivo no Coliseu», «Como Se Fora Seu Filho» e «Galinhas do Mato», aqui com a ajuda de uma série de cantores que vieram dar voz às suas últimas criações originais publicadas em vida.

Com esta vastíssima obra, que valeu a José Afonso um unânime reconhecimento como um dos últimos «dinossauros» que a canção europeia contemporânea conseguiu apresentar — e não preservar — «Cantigas do Maio» vale ainda pela frescura das suas propostas musicais, pela



José Afonso em 1971, ano da edição de «Cantigas do Maio»



capacidade de sintetizar os interesses e as inquietações do maior criador português dos nossos dias (síntese que se expressa em misturar num mesmo disco poemas e melodias populares com um texto de António Quadros, por dar

lugar a instrumentos acústicos, eléctricos, populares e eruditos), por servir como o momento mais exemplar do que podia valer uma colecção de canções de José Afonso, de que ainda hoje se disputa a herança, sem se perceber

que, acima de tudo, o cantor que morreu no ano passado era um homem de talento e de verdade. E nesses terrenos as substituições são sempre mais difíceis...

■ JOSÉ AFONSO, «Cantigas do Maio». LP gravado em

França, de 11 de Outubro a 4 de Novembro de 1971. Arranjos e direcção musical de José Mário Branco. Participação entre outros de Carlos Correia (Boris), Michel Delaport e Francisco Fahnals. Edição Orfeu.

1972

SÉRGIO GODINHO

«Pré-Histórias»

PARA ALÉM DA ENERGIA POLÍTICA

COMEÇAVA a desenterrar-se a importância musical que, na primeira metade da década de 70, viria a desempenhar o grupo de auto-exilados que, por razões claramente políticas, tinha

preferido a distância e a saudade ao cumprimento de serviço militar. Luís Cília terá sido o primeiro dos exilados portugueses a dar nas vistas, conquistando uma invejável reputação como compositor e cantor de resistência. Depois, viriam Sérgio Godinho e José Mário Branco, ambos revelados no mesmo ano — o primeiro com «Sobreviventes», o segundo com «Mudam-Se os Tempos, Mudam-Se as Vontades», em que inclusivamente se tinham disposto ao intercâmbio. José Mário Branco escrevera as músicas de «O Charlatão», «Cantiga da Velha Mãe e dos Seus Dois Filhos», «Cantiga para Pedir Dois Tostões», «Cantiga do Fogo e da Guerra» e «Casa Comigo Marta», enquanto Sérgio Godinho «escolhera» as palavras para as mesmas canções repartidas pelos dois álbuns de estreia.

Com «Pré-Histórias», gravado no Strawberry Studio, em França (que nessa altura recolhia as melhores obras do património da canção portuguesa, de «Cantigas do Maio» a «Os Sobreviventes» e a «Mudam-Se os Tempos...»), Sérgio Godinho, do Porto, enfrentava a prova do segundo álbum. E esboçava uma claríssima tendência para ultrapassar a energia política que tinha marcado o seu primeiro disco, com «Que Força É Essa» e «Maré Alta» em plano de destaque. A linguagem tomava-se menos directa e mais «curvilínea», nem por isso deixando de atingir em pleno os objecti-

vos caricaturais e de «combate» de Sérgio Godinho — ninguém ficava indiferente a «Aprendi a Amar» (e sobretudo ao verso «aprendi a matar bem mais do que penso»), a «Eh! Meu Irmão (ou mais uma canção de medo)», a «Até Domingo Que Vem».

Mas Sérgio Godinho parecia arranjar tempo e engenho para não se ficar por aí — é em «Pré-Histórias» que ele assina a sua primeira grande canção de amor, a fabulosa «A Noite Passada», a que viria a juntar alguns dos melhores momentos «do género» feitos em Portugal. E descobria ainda a sua incrível vocação — porventura ligada à sua condição de actor, para criar imagens inesquecíveis que fazem respirar as canções e que nos parece conhecer de todos os dias; aqui isso acontecia com o Barnabé («e que é que tem o Barnabé que é diferente dos outros») e com o «homem dos sete instrumentos». Foi, portanto, este o disco que abriu definitivamente as portas a uma carreira que Sérgio Godinho não se tem cansado de confirmar nos álbuns gravados desde essa altura: «A Queima-Roupa», «De Pequeno Se



Com «Pré-Histórias», Godinho abriu as portas da sua carreira



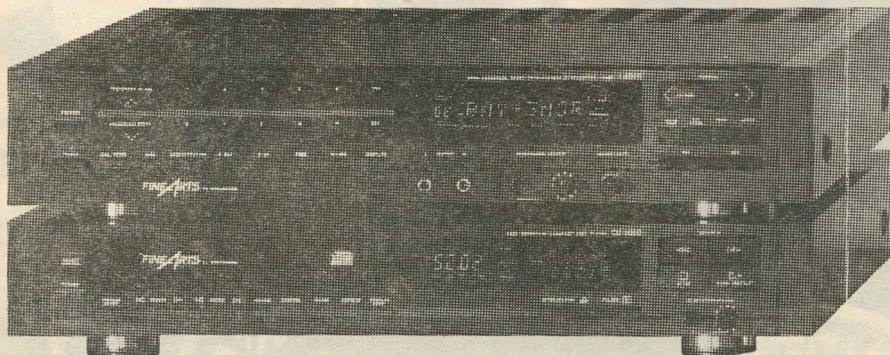
Torcê o Destino», «Pano Cru», «Campolide», «Canto da Boca», «Coincidências», «Salão de Festas», «Era Uma Vez Um Rapaz» (colectânea) e «Na Vida Real».

Uma carreira que acaba, nesta altura e feito o balanço de dúzia e meia de anos de canções, por valer como uma das mais seguras referências de que Portugal dispõe e, também, como demonstração exemplar do que pode valer o «sereno amadurecimento» de um autor inquieto, de quem continua a esperar-se a plena ternura e a palavra de alerta. Ai, o seu estatuto é único e, embora fosse impossível adivinhá-lo, já estava traçado quando ele escreveu as «Pré-Histórias»...

■ SÉRGIO GODINHO, «Pré-Histórias». LP gravado em França, em Julho de 1972, com as colaborações de Christian Padovan, Michel Delaport, Jean Mollesullaz e Sheila Charlesworth entre outros. Edição Sassetti/Gull-da da Música.

A. OLIVEIRA

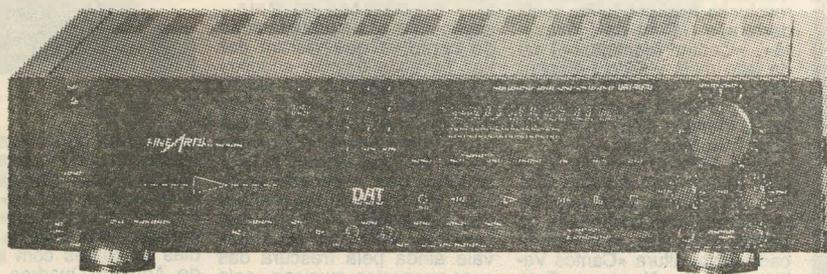
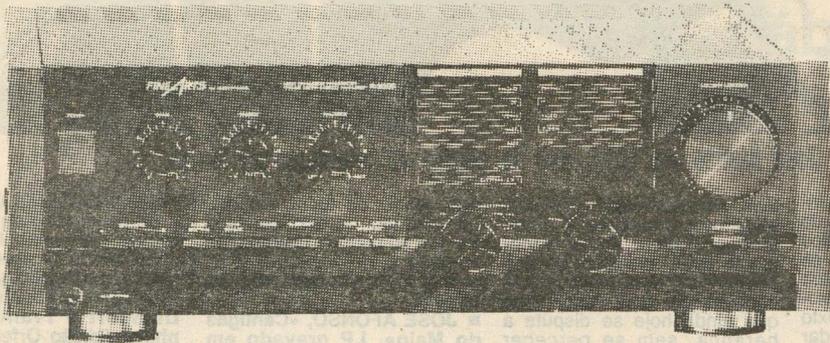
ELECTRODOMÉSTICOS



GRUNDIG

HI-FI

COM **DAT** — DIGITAL ÁUDIO TAPE
INSUPERÁVEL PUREZA DE SOM



PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Av. Almirante Reis, 91-A • 1100 LISBOA
Telefones: 82 19 38 - 82 25 87 - 82 26 23



GRAVURAS: Originais francesas, inglesas e suíças
AGUARELAS: Aniceto, Espinaux e José Bello
SERIGRAFIAS: Botelho, Bravo da Mata, Cargaleiro, Carlos Dages, Cutileiro, David Almeida, Gentil, Horta Costa, Yeco, Maluda, Martha Telles, Molina, Thomaz Mello (Tom)

Fazem-se molduras em todos os estilos

LOJA 21 e LOJA 24 — Centro Comercial SOPAL — Rua Ivens, 58 — Telef. 32 22 56 — 1200 LISBOA
LOJA 10 — Complexo Comercial Pingo Doce de Linda-a-Velha — Av. 25 de Abril — Telef. 419 96 53
— 2795 LINDA-A-VELHA

150 ANOS



UMA MARCA
DE REPUTAÇÃO
NO CAMPO
DA HORTICULTURA

José Afonso Duarte
LIMITADA

Rua de S. Nicolau, 24 • Tel. 86 67 54 - 86 34 26
Rua de S. Mamede, ao Caldas, 29 • LISBOA

SEMENTES JAD OESTE,

Telef. 061-98755/6
Sobreiro Curvo
TORRES VEDRAS

SEMENTES JAD ALGARVE

Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65
Telef. 089-25375 — FARO

AGENTE EM LEIRIA ANPD
Loja 24 — CENTRO COMERCIAL MARINGÁ
Telef. 044-33766

UTILIZE
A NOSSA
EXPERIÊNCIA



1973

JOSÉ MÁRIO BRANCO

«Margem
de Certa Maneira»

MAIS uma obra do Strawberry Studio, mais uma clara demonstração de que a distância podia ser sinónimo de lucidez para o grupo dos que escolheram o exílio, mais um nome que salta dessa época e atravessa todos os tempos e todas as modas para se fixar num dos mais altos postos do cenário musical português. Ao segundo disco, José Mário Branco era um compositor e autor na posse plena das suas faculdades, outra vez aberto a aproveitar a poesia (António Joaquim Langa, «A Morte nunca Existiu») e as lições práticas (do seu trabalho anterior com José Afonso, em «Cantigas do Maio») para dotar as suas canções de uma profundidade e de uma capacidade de «sobrevivência» absolutamente invulgares.

Nesta altura, José Mário Branco era claramente marcado pelos homens da «canção de palavras» francesa, buscava nesse quadrante a capacidade de eternizar ideias e de dinamizar combates — «Por Terras de França», «Engrenagem», «Cantiga da Velha Mãe e dos Seus Dois Filhos (Mãe Coragem)», «Eh! Companheiro» — mas também aquilo que viria a distingui-lo de quase todos os outros «homens de palco» da canção portuguesa: a profundidade de uma voz e de uma atitude (é vê-lo em concerto, quase sempre esmagador e preferencialmente distante e «desesperado»), a pose de um actor capaz de jogar com todos os elementos para se tornar convincente e pujante.

Depois de «Margem de Certa Maneira», José Mário Branco nunca mais parou: esteve ligado ao G. A. C. e militou du-

UM RETRATO
CRU E FORTE

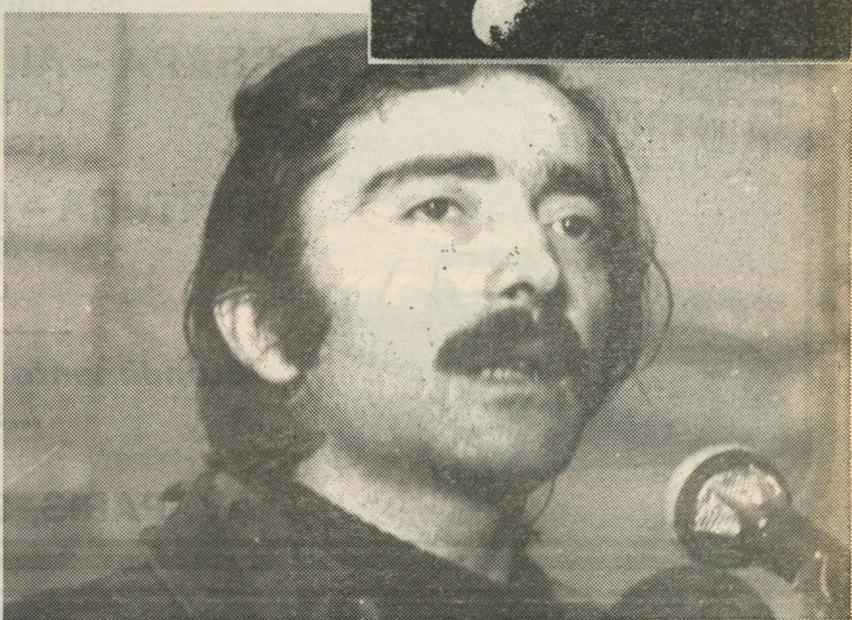
ramente quando os tempos lho pediam; musicou um sem-número de peças (p. ex., «A Mãe») e escreveu bandas sonoras de filmes (p. ex., «A Confederação»). De tal forma que só em 1982, com um «abrangente e urgente» «Ser Solidário» voltaria a publicar um disco em seu nome, reiniciando em 1985 com «A Noite». Entretanto, produz discos (Janina Salomé, entre outros) e cota-se como um dos mais inventivos maestros-arranjadores de que Portugal dispõe. Só não poderá garantir-se que nalguns casos não tenha desperdiçado talento com quem — de todo em todo — não o merece.

Nesta altura, em 1973, o vigor de «Margem de Certa Maneira» era também um bom presságio, um retrato cru e forte (a preto e branco, tal como a capa do disco) de um país que não podia continuar a adiar-se. Vejam-se dois casos: «Não quero dar-te conselhos / mas se é o teu próprio irmão que te faz viver de joelhos /

doa a quem doer faz o que tens a fazer», era o recado final da «Cantiga da Velha Mãe»; «Sorte assim não cresce à toa / como ortiga por colher / cresce nas vinhas do povo / leva tempo a amadurecer / quando mudar seu destino / está ao alcance dum viver», era uma das respostas de «Eh! Companheiro»...

Com «Margem de Certa Maneira», confirmava-se de forma categórica que a geração de resistência tinha duas vertentes igualmente fortes: aquela que por aqui mantinha a diferença (José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Francisco Fanhais, Fausto, Vitorino) e aquela que alimentava a fogueira de longe (Cília, Godinho, Branco). Eram, afinal de contas, duas «margens» da mesma maneira...

JOSÉ MÁRIO BRANCO, «Margem de Certa Maneira». LP gravado em França, com as colaborações de C. Padovan, M. Delaporte, Adriano Correia de Oliveira e Manuel Jorge Veloso, entre outros. Edição Sasseti / Guilda da Música.



José Mário Branco — «uma certa resistência»

1974

PAULO DE CARVALHO

«E Depois
do Adeus»

A SENHA DA MUDANÇA

FECHA agora 25 anos de carreira aquele que é considerado o legítimo proprietário da melhor voz portuguesa, o cantor que mais longe «poderia ter ido» (isto para mantermos a tradi-

ção de linguagem que, muitas vezes, é instituída pelo «fatalismo» português). Podem buscar-se ao longo de todo este tempo, dos discos e dos projectos, dos espectáculos e das ideias, várias canções para resumir e para simbolizar esse multifacetado percurso — dos Sheiks aos Amigos, de «Flor sem Tempo», a «Walk On the Grass», de «Nini dos Meus Quinze Anos» a «Meninos do Huambo». Todas essas memórias se esbatem em função de uma canção que valeu a Paulo de Carvalho a sua única vitória individual no Festival RTP da Canção (depois das excelentes presenças com «Corre, Nina» e com «Flor sem Tempo») e que lhe valeu muito mais do que isso: «E depois do Adeus».

Terá de voltar a falar-se na renovação e na subida de nível que alguns nomes trouxeram à competição que a RTP conseguiu instalar como hábito (e ainda hoje o Festival movimenta «polémicas» fáceis e promove mediocridades indesejáveis), terão de referir-se nomes como os de José Car-

los Ary dos Santos, Fernando Tordo e José Luís Tinoco como responsáveis pela mudança que, infelizmente, parece não ter deixado raízes. A essa lista junta-se, com inteira justiça, a dupla que escreveu «E depois do Adeus»: José Niza e José Calvário. Que, independentemente da vitória no Festival (outra vez polémica) e da excelente interpretação de Paulo de Carvalho, serão lembrados porque a sua criação serviu de senha à mudança, porque um poema de inegável qualidade e uma música altamente expressiva reunidos aqui foram escolhidos para despoletar uma mudança que poucos adivinhariam tão célere e tão profunda...

Canção-símbolo? Claro que sim. Mas também um produto que ajuda a reunir sob a sua alçada todos aqueles que pugnam pelas mais variadas formas, pelo fim do marasmo e da doença. Extensiva à música portuguesa, como facilmente se constatará recorrendo a arquivos da época. E também para fazer justiça e memória a

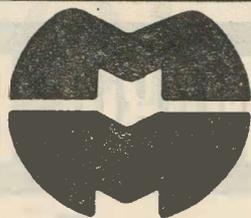
Manuel Paulo de Carvalho Costa, intérprete predestinado que tem feito da sua presença na música uma constante mudança e uma evolução surpreendente. Senão, vejamos: houve o «rock/pop» com os Sheiks, o trabalho com Manolo Diaz e a primeira hipótese de «export», o tempo dos festivais, o empenhamento num grupo político determinado e as canções, consequentes, a descoberta do «jazz» (com os Araripa), a chegada do «funcky» com as produções de Joni Galvão e, mais recentemente, a chegada a terrenos próximos do fado. Se há coisa de que não pode acusar-se Paulo de Carvalho é de monotonia...

Momento reconhecido da música ligeira nacional, «E depois do Adeus» é também uma bela canção — talvez a última canção plena que ganhou o Festival da RTP, outra vez entregue em mãos lamentáveis e banais...

□ PAULO DE CARVALHO, «E Depois do Adeus», letra de José Niza e música de José Calvário.



Paulo de Carvalho, em 1974, com José Niza e José Calvário — o trio de «E depois do adeus»



MICROMOTOR L^{DA}

Assistência e Serviço Autorizado

Vendas

Peças * Viaturas

REPARAÇÕES

MECÂNICA – Especializada e apoiada

Com o mais moderno equipamento de DIAGNÓSTICO.

BATE-CHAPA – Altamente qualificada

Com o mais moderno Banco de ensaios.

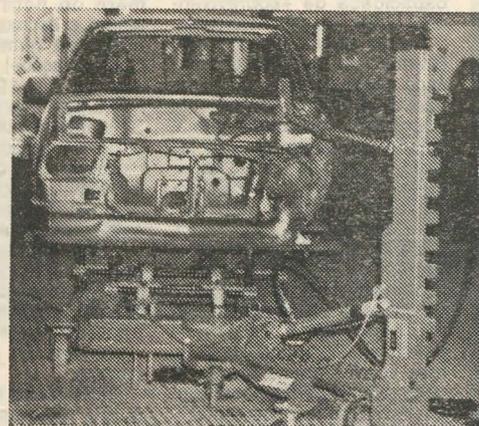
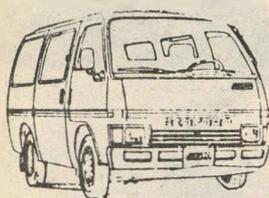
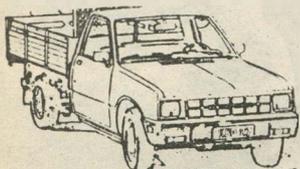
PINTURA – De alta qualidade

Com estufa e máquina de cores.

Atendimento personalizado

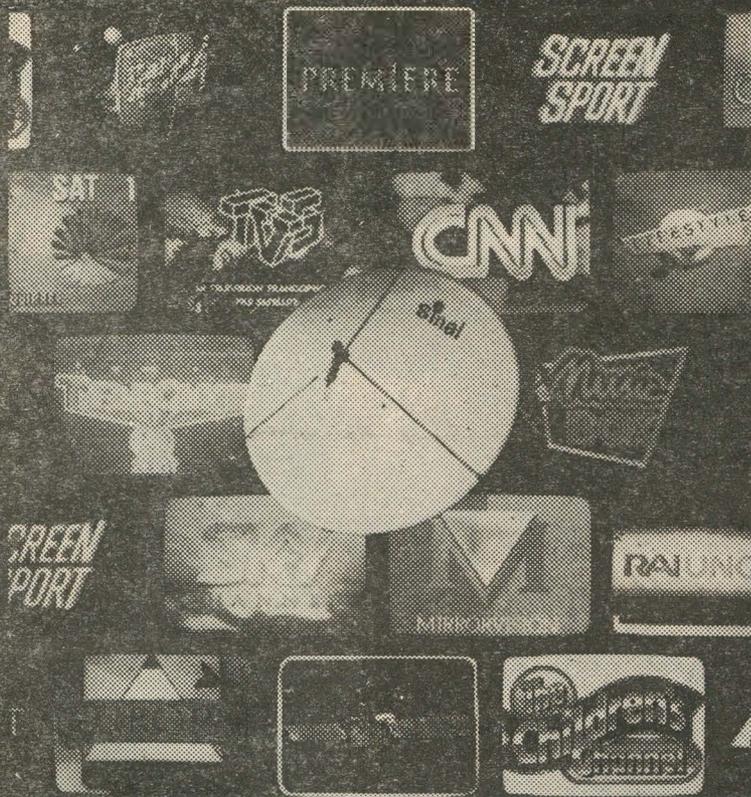
...Somos Profissionais

AV. PARIS, 3-B * ☎ 88 01 64/5 – LISBOA



ANTENAS PARABÓLICAS

TELEVISÃO VIA SATÉLITE



Sinal

VISITE O NOSSO SALÃO DE EXPOSIÇÃO
RUA CASIMIRO FREIRE, 13-A/B
1900 LISBOA
TELS. 892945 - 884650



**R. ANDRADE
SOFTWAREHOUSE**

DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÃO - Informa que serão lançados BREVE-
MENTE no mercado os seguintes programas (c):

- INTERPRETADOR / TUTOR LINGUAGEM C
- RA TOOLS (UTILITARIO PARA COPIAR, EDITAR, ETC...)
- FACTURACAO/STOCKS PARA PC/XT/MS-DOS
- P.O.C. (PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE) PARA MSX
- TODA A BIBLIOTECA CPM-80 ADAPTADA PARA MSX

DEPARTAMENTO COMERCIAL - Informa que vende, instala, da assisten-
cia tecnica e apoio de e ea software para:

- COMPAR
- IBM
- PHILIPS (COMPATIBLES/MSX)
- EPSON
- CITIZEN
- BREVEMENTE TANDON IMPORTADO DIRECTAMENTE A PRECOS REALISTAS.
A GARANTIA E RESPONSABILIDADE DE SERMOS

R. ANDRADE

Av.5 de OUTUBRO, 134-R/C, ESQ. T. 73 44 19
1000 LISBOA

A CAPITAL
R. ANDRADE
DESEJA-LHE UM
FELIZ ANIVERSARIO

1975

AMÁLIA

«Com que Voz»

GRANDE TALENTO
PARA TODAS AS EMOÇÕES

TAL como aconteceu relativamente à obra de José Afonso, a grande dificuldade quando se recordam os discos de Amália, a cantora de Portugal que funciona simultaneamente como bandeira do País e do fado, está em escolher um que se distinga dos demais, que justifique a «chamada» que o leva a sobressair dos retratos de uma carreira que se fez e se faz exclusivamente à custa de uma voz e de uma atitude de entrega total. Difícil, portanto, para quem se comove e se arreia sempre que a Amália deixa a sua voz repousar ou inquietar-se sobre um fado, arranjar maneira de justificar esta memória particular.

Mas é verdade que «Com Que Voz» se aproxima drasticamente da perfeição, que começa no título (aproveitado daquilo que se supõe ser um soneto de Camões mas absolutamente definitivo em relação a Amália) e continua na capa — um alto — contraste de Lisboa, capital do fado e refúgio natural de Amália. Depois, lá dentro, o pleno continua: toda a música é de um só autor, um «português fadista» que, por ironia do destino, nasceu em França. Chama-se Alain Oulman e, provavelmente, é um dos homens a quem o património musical popular português mais deve — são dele alguns dos «grandes encontros» de Amália, são da sua lavra alguns dos fados com que intuitivamente nos identificamos e que sentimos por dentro.

No caso de «Com Que Voz», a dúzia de «pérolas» que o preenchem devem-se em última instância a Oulman,

capaz de interpretar e retratar os sentimentos que as palavras já traziam antes de chegarem à voz de Amália. E estão aqui poemas de Cecília Meirelles, David Mourão-Ferreira, Manuel Alegre, Luís Camões (?), António de Sousa, Alexandre O'Neill, Pedro Homem de Mello e José Carlos Ary dos Santos, um dos mais poderosos grupos de homens da palavra jamais reunidos num disco só. A todos eles chega o talento de Amália, a sua inata capacidade de estontear qualquer ouvinte com as amplitudes de uma voz que vai de um extremo ao outro do espectro das emoções: vibrante em «Trova do Vento Que Passa», numa versão que nada perde para a que Adriano Correia de Oliveira fizera soar anos antes; fatalista e dóida em «Com Que Voz», em que o fado aparece associado ao verbo que, na maioria das vezes, melhor o baliza e explica: chorar; absolutamente apaixonada em «Gaiavota», talvez o mais completo de todos os fados da carreira inteira de Amália, reunião das palavras que a mantêm como uma personalidade



Amália no Coliseu, há uns anos já — mais do que a fidelidade de um público, é a fidelidade de um país

impar no nosso quadro musical — Lisboa e o céu, o mar e o olhar, o peito e coração, a mão e o amor, o português e o marinheiro, o adeus e a vida, a despedida e o derradeiro... Enfim, Amália é divertida em «Formiga Bossa Nos-

sa», outra vez de O'Neill, é lisboeta nos fabulosos «frescos» de David Mourão-Ferreira sobre a cidade («Maria Lisboa» e «Madrugada de Alfama»), é dramática em «Meu Limão de Amargura», de Ary dos Santos.

«Com Que Voz» é o mais imperdível dos discos imperdíveis de Amália, a voz da intuição e a dama que orgulhosamente comparamos à grandeza estrangeira de Piaf, de Elis ou de Judy Garland. Felizmente, Amália é portuguesa —

ninguém ia suportar se o fado todo que ela representa livesse um sotaque longínquo...

AMÁLIA, «Com Que Voz». LP com 12 fados, músicas de Alain Oulman e letra de poetas portugueses. Edição Columbia.

1976

GAC

«Pois Canté!!»

O POPULAR
E A POLÍTICA

«ESTE disco é o resultado de um trabalho colectivo do Grupo Acção Cultural «Vozes na Luta». Nós lutamos na frente política, mas também na frente artística. As obras revolucionárias devem ser correctas quanto ao seu conteúdo político, mas também devem ser de grande qualidade artística. Este disco marca, de certa forma, um passo em frente em relação ao trabalho anterior. Efectivamente, a causa desse avanço é produto da nossa actividade (cerca de 500 sessões de canto popular em 2 anos) e das críticas camaradas que temos recebido ao longo deste tempo, apontando erros e dando sugestões.»

Se Amália representa a perenidade e o imutável que há na música portuguesa, difícil será descobrir exemplo mais justo para simbolizar uma era determinada e ainda de «memória aberta» do que o GAC que José Mário Branco começou por dinamizar e que conseguiu a auto-edição de quatro álbuns, proeza de que poucos se poderão gabar num país em que as estruturas alternativas estão longe de poder considerar-se satisfatórias. O extracto do texto com que se pretende situar o «campus» do GAC é de «Pois Canté!!», unanimemente considerado como a obra mais representativa de um grupo que levou mais longe a experiência de recolha e tratamento da música de raiz portuguesa, aproveitando sonoridade populares para transmissão de uma clara mensagem política, para poder dinamizar convicções e mobilizar adesões.

Antes de «Pois Canté!!», o GAC tinha feito uma série de

singles, depois reuidos em LP, que ficaram como marca de um tempo em que os campos se extremavam e as ideias se esgrimiam, muitas vezes na rua, as mais das vezes todos os dias: «Alerta» («pelo pão e pela paz e pela nossa terra...») foram, possivelmente, as suas criações mais conhecidas e mais facilmente transmissíveis pelo «poder incendiário» de que indiscutivelmente estavam dotadas.

Mas é ainda na «febre» de «Pois Canté!!» que se percebe que o GAC, naquele tempo, cumpriu com inteiro brilho a sua missão. Ainda que algumas palavras sejam puros panfletos e, nalguns casos, interpelem directamente os seus visados — caso de Mariana Vilhena, a «burguesa e vil patroa» de uma qualquer herdade — há canções que têm o indelével mérito de resistir como obras que valem muito mais do que um momento político e de que uma história de «vozes na luta»: «Pois Canté!!», expressão de intenções, música tensa e de memorização imediata; uma espantosa «Cantiga Sem Maneiras» em que a voz feminina paira sobre um fundo monocórdio que



José Mário Branco que participou activamente na gravação de «Pois Canté» perdura como imagem do grupo de Acção Cultural Vozes na Luta

POIS
CAN
TÉ!!

dura toda a canção; «Cantiga do Trabalho», em que, além da voz, se percebe o génio de José Mário Branco; e «Ir e Vir», em que a situação e a faina dos pescadores tem correspondência directa na construção musical.

São momentos de um disco que, por muito que isso custe a alguns, não morreu com a «normalização». Pelo contrário: os talentos do GAC ainda hoje servem de referencial primário a muitos grupos que procuram «dar a volta» à tradição musical portuguesa, sem a desrespeitar mas sem a fossilizar. «Pois Canté!!» — quanto tempo...

GAC, «Pois Canté!!». LP gravado em Fevereiro e Março de 1976, com captação de som de José Fortes. Doze canções de assinatura colectiva. Edição GAC/Vozes na Luta.

1979 RECUSAR O COMODISMO

«Hoje Há Conquilha... Amanhã não Sabemos»

Foi provavelmente a mais influente das «escolas de som» que se fez sentir na música portuguesa, fazendo convergir uma portugalidade profunda e ancestral com a dimensão moderna e um experimentalismo envolvente que, salvo erro ou omissão, nunca encontraram paralelo. Ou seja, era possível encontrar a Banda do Casaco a assinar canções simples e directas, como a maior parte das que preenchiam «Contos da Barbearia», mas, ao mesmo tempo, ninguém se surpreendeu quando, em «Também Eu», a Banda apareceu a utilizar «ilustrações fonéticas» para dotar de voz as estruturas sonoras que ia acumulando com lógica e com sentimento.

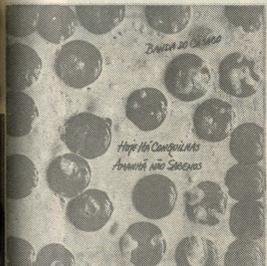
Três homens marcaram, por razões distintas, a carreira da Banda do Casaco, eternamente perdida em nome da facilidade e, até certa altura, de um posicionamento político «franco-atirador», muito longe do situacionismo que mais depressa conquistava o beneplácito da crítica: António Avelar Pinho era o autor dos textos, o homem que até «No Jardim da Celeste» (o antepenúltimo disco da Banda... até à data) representou a dose de saudável loucura e de ousadia nas palavras que faziam falta a um projecto sonoramente arrojado; Celso de Carvalho foi o único instrumentalista que acompanhou a liderança da Banda desde «Dos Benefícios Dum Vendido no Reino dos Bonifícios», até «Banda do

Casaco com Ti Chitas», passando por «Coisas do Arco-da-Velha», «Hoje Há Conquilhas...», «Contos da Barbearia», «No Jardim da Celeste» e «Também Eu», impondo o seu violoncelo como uma marca sonora imediatamente impalpável à Banda; com tudo isto, será difícil negar que a figura que se impôs com a Banda do Casaco — e que a impôs a ela — foi Nuno Rodrigues, o estrategista, o compositor principal, o homem que, à custa de sensibilidade e de intuição, definiu caminhos e conseguiu marcar uma evolução clara para este projecto que, infelizmente, não teria sucesso à altura durante muito tempo.

Resta lembrar que a Banda do Casaco foi ponto de partida para alguns nomes sonantes ou «ocultos» da música portuguesa: Helena Alares, Carlos Zingaro, José Campos e Sousa, Mena Amaro (onde estará a voz de ouro que nunca chegou sequer à primeira linha do grupo?), Cláudia Soares (hoje intelualmente transformada em Brancalor...), Carlos Amaro, Tó Pinheiro da Silva (um dos músicos que com mais propriedade se pode garantir ter passado ao lado de uma grande carreira), Gabriela Schaaf (a convidada de honra de «Hoje Há Conquilhas...»), Né Ladeiras (que saudavelmente, Concha, Milla Ferreira, Alé Jerry Marotta, baterista habitual de Peter Gabriel, andou metido com esta formação intermitente, felizmente traduzida em discos de qualidade contínua...



Banda do Casaco — a mais influente escola de som da música portuguesa



«Hoje Há Conquilhas... Amanhã não Sabemos» tem o mérito supremo de se continuar a ouvir hoje sem se perceber, em boa parte dos seus momentos de inspiração, que já completou uma década inteira — e que decadal — de existência. E canções como «País Portugal» («país fardado à força, país forçado à larda, país fadado à força»), «Geringonça» e «Dez-Onze-Doze» não esqueceram a quem as ouviu e sentiu como um avanço considerável e como uma recusa ao comodismo e ao imobilismo que, na altura, ameaçava regressar com outras cores...

BANDA DO CASACO, «Hoje Há Conquilhas... Amanhã não Sabemos» LP gravado por José Fortes, com maioria de textos de António Pinho e maioria de músicas de Nuno Rodrigues. Otto canções com arranjos da Banda do Casaco. Edição Imavox.

1979 VITORINO «Não Há Terra que Resista Contraponto»

RAÍZES ALENTEJANAS



Vitorino, o «eterno dissidente»

O terceiro disco, Vitorino Salomé Vieira, alentejano do Redondo, revolucionário e «ecologista das cidades», mantinha e realçava as características que, logo à primeira tentativa, lhe tinham valido a conquista de um espaço próprio na «canção de intervenção» portuguesa. Parceiro de José Afonso, Sérgio Godinho e Fausto nos «cantos livres» que se seguiram à revolução, Vitorino terá sido aquele que se manifestou pelo poder popular, pela reforma agrária e pela mudança nas relações sociais de uma forma absolutamente radical, denunciando todas as situações que lhe mereciam reparos e advogando as soluções mais drásticas para as reparar.

Em 1979, quando publicava «Não Há Terra que Resista — Contraponto», Vitorino tinha a coragem de dedicar o álbum a dois tocadores populares alentejanos, Manuel Jaleca e Jorge Caranova, e a uma personalidade «quente» e discutida, a anarquista Ulrike Meinhof, «assassinada numa prisão». Nem a condenação generalizada que parte substancial da esquerda já fazia do «terrorismo urbano» conseguiu fazer recuar Vitorino — anos mais tarde, uma cena paralela teria lugar em plena festa do «Avante!» quando, apesar de co-

delto (com o dia me levantou...), uma das suas mais belas melodias; «Contos do Príncipe Real», uma fascinante história de amor cantada em ritmo calmo e em voz inquieto; «Dá-Me cá os Braços Teus», com todas as virtudes dos cantos populares, até na construção dos versos; «Viva a Rainha do Sul», em defesa de uma ocupação agrícola; «Sedeia a Vento», impressionante homenagem a Ulrike Meinhof.

Antes, Vitorino gravara «Semear Semente ao Reguinho» e «Os Maltosos», depois Viriam «Romances», «Flor de La Mar», «Leitaria Garrett» e «Sul», esperando-se agora «Fado Negro» para se manter viva e plena uma obra que tem aqui um dos seus pontos mais significativos, ajudada por Pedro Caldeira Cabral (reconhecido em pleno neste disco) e ainda por Silvío Pleno. «Não Há Terra que Resista — Contraponto» foi parte integrante da cadência alva de Vitorino, um dos talentos de verdade da música de Portugal.

VITORINO, «Não Há Terra que Resista — Contraponto», LP gravado entre Outubro de 1978 e Fevereiro de 1979 com direcção musical de Vitorino e Pedro Caldeira Cabral. Edição Orfeu.

«Lisboémia» ILUSTRAÇÃO DE UMA CIDADE

Foi com certeza um gosto que lhe ficou dos seus tempos de músico empenhado no «rock» — depois de se «converter» à produção de outras referências e de assinar com Carlos Cavaleiro um disco de saudação aos novos países africanos que atingiram a independência depois da revolução portuguesa («Bota Fora»), Júlio Pereira dedicou-se à construção de dois álbuns claramente inspirados no formato das «óperas-«rock», com personagens múltiplos que se cruzam em canções que são, afinal de contas, parte de uma acção, de um enredo, de uma história.

Apesar disso, foi com «Lisboémia» que Júlio Pereira mais se aproximou daquilo que seria o seu objectivo: uma história com fundamento que servisse como «ilustração» a uma cidade, dividida em zonas, em personalidades, em funções, em diferentes ritmos, captados pela observação e pela sensibilidade do autor, um defectivo de Lisboa e da sua pulsão muito particular. Nada escapou ao «olho clínico» de Júlio Pereira, nem sequer as tremendas amplitudes de que Lisboa é palco e cenário, nem mesmo as especificidades de linguagem que valiam como verdadeiros microclimas e como «gramáticas» distintas. «Lisboémia» foi, nesse e noutros domínios, um álbum que se aproximou do rigor, se tal é possível quando se lida com Lisboa e com todas as suas vidas.

Júlio Pereira era já autor de texto e de música, arranjador e instrumentista principal. E cantava, como acontecia ainda em «Mitos de Fada», o seu disco seguinte e a sua despedida das «canções». Daí em diante, o universo de Júlio Pereira transformou-se, revelando-o como exímio instrumentista, recuperador sistemático de instrumentos que o tempo e as modas ameaçavam de «extinção» («Cavaquinho» e «Braguesa» são



Júlio Pereira — «olho clínico» sobre, em «Lisboémia»

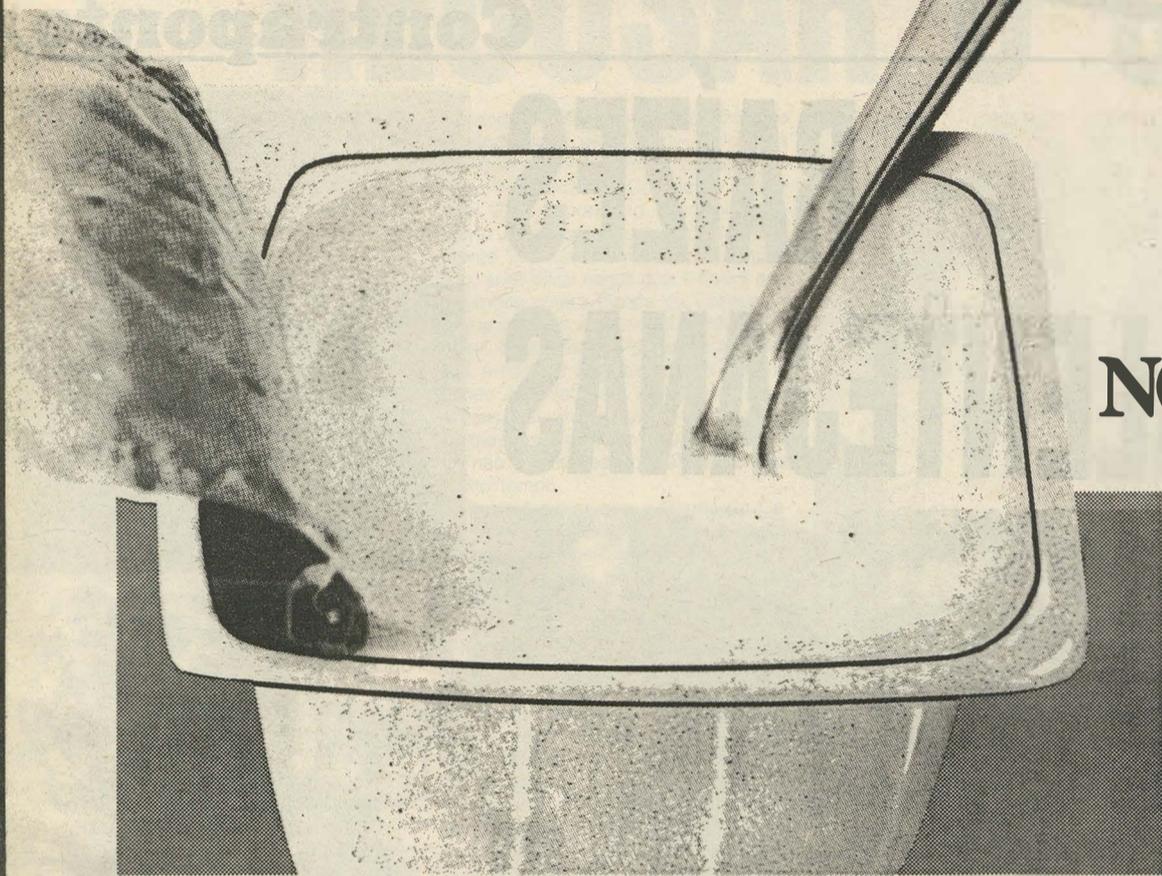
exemplos históricos) e também como reinventor da música de raiz portuguesa, à qual aplica em doses substanciais sentimento, tecnologia e respeito. A esta sua nova dimensão correspondem os seus três discos mais recentes: «Cádo», «Os Sete Instrumentos» e «Miradouro».

Mas prova provada de que esta «explosão» corresponde a uma série de anos de movimentações noutros quadrantes e a um número considerável de experiências — em que não pode deixar de referir-se o seu trabalho como músico e arranjador com José Afonso — é este «Lisboémia» em que as colaborações múltiplas (José Mário Branco, António Porteiro, Duarte Mendes, Eugénia Melo e Castro, Eugénia Bettencourt, Ricardo Pais, Mário Viegas, Lia Gama, Shila e o coro do GAC, entre outros) não esbatem o papel preponderante de Júlio Pereira, responsável por uma obra que ainda hoje tem razão de ser. Até porque Lisboa não muda, agudiza-se.

■ JÚLIO PEREIRA, «Lisboémia». LP gravado em Janeiro e Fevereiro nos estúdios Valentim de Carvalho. Dez canções (e dez «zonas») de Júlio Pereira, responsável pelos arranjos e pela direcção musical. Edição Valentim de Carvalho.

Bom Dia

iogurte



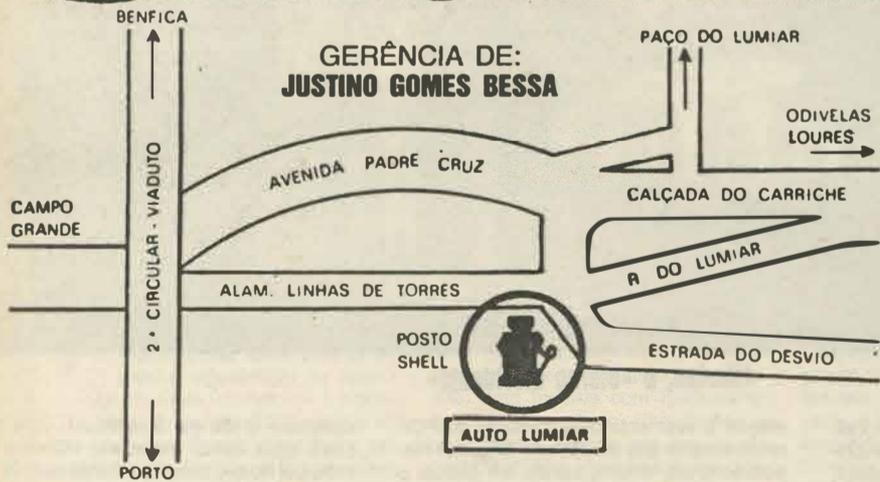
**BOM
NO SEU DIA-A-DIA**

**PARA COMER E GOSTAR!
E GOSTAR!**



ORGANIZAÇÕES

Auto-Fumiar



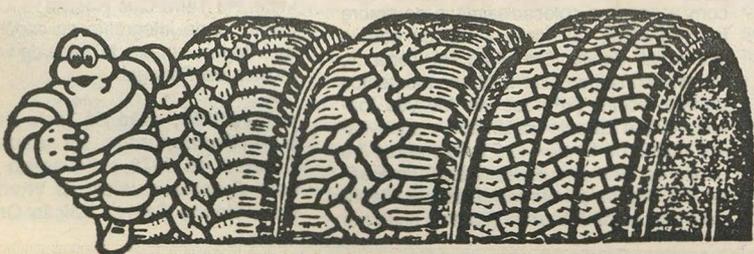
A PARTIR DE 1 DE MARÇO

ABERTO TODOS OS DIAS, INCLUINDO SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS, DAS 8 ÀS 24 HORAS

PNEUS • PNEUS • PNEUS • PNEUS • PNEUS

MICHELIN

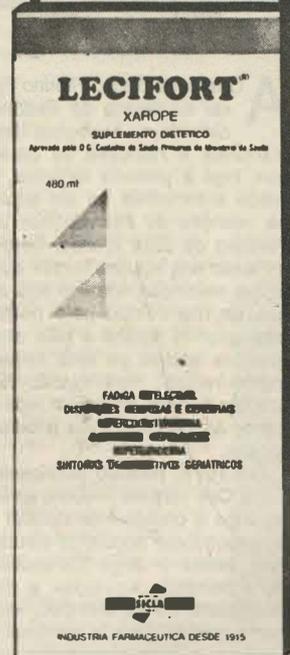
O PROGRESSO EM MARCHA



NOS PROBLEMAS DA VIDA ACTUAL...

STRESS • FADIGA FÍSICA E MENTAL COLESTEROL • ENVELHECIMENTO PRECOCE **LECIFORT**

APROVADO PELA
O G DE CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS
DO
MINISTÉRIO DA SAÚDE



SUPLEMENTO DIETÉTICO
Lecitina de soja natural enriquecida com vitaminas E e do complexo B

- SEM CONTRA-INDICAÇÕES E EFEITOS COLATERAIS
- SEM ÁLCOOL E SEM AÇÚCAR

Porquê LECIFORT?

LECIFORT estimula o crescimento e a nutrição celular, pelo seu equilibrado valor em fosfolípidos e em vitaminas E e do complexo B

LECIFORT exerce uma importante acção nas funções nervosas, particularmente a nível do cérebro, pelo seu alto teor de fósforo total (1,8%)

LECIFORT regulariza o metabolismo lipídico alterado, reduzindo a taxa hemática de colesterol, triglicéridos e ácidos gordos



INDÚSTRIA FARMACÉUTICA DESDE 1915

VENDA EXCLUSIVA EM FARMÁCIAS E CENTROS DIETÉTICOS

1980

RUI VELOSO

«Ar de Rock»

AVENTURA
E PRETEXTO

POR muito que isso doa a alguns «veteranos» que já antes procuravam institucionalizar a existência e exigir o reconhecimento a uma música «rock» em Portugal, foi com Rui Veloso e com «Ar de Rock» (um título feliz e rigoroso) que se percebeu que, além dos nomes habituais, mais gente haveria capacitada a mostrar talento e a contribuir

para renovar e alargar a «frente» da música portuguesa. Hoje, é mais do que evidente que só alguém com o «punch» de Rui Veloso e com um primeiro disco provavelmente recalçado e engavetado durante anos poderia, sozinho, fazer mudar todas as relações da indústria discográfica de um país, por mais pequeno e «sui generis» que fosse.

Rui Veloso soube, passo a passo, disco a disco, confirmar que a sua associação com Carlos Tê estava destinada a valer como um domínio de eleitos, tal a forma como ambos se completam, Veloso sensível aos «blues» e às formas genuínas portuguesas (ao ponto de, mesmo «estrangeirado confesso», já ter escrito um fado lindíssimo), Tê capaz de passar ao papel as mais indizíveis personagens (o «Chico Fininho» e «A Rapariguinha do Shopping» deste disco, bem completados pela «Donzela Diesel» que António Avelar Pinho criou) e de contar histórias e mostrar ideias portuguesas, aqui irónicas, ali carentes. Desta dupla têm nascido alguns dos melhores momentos da música portuguesa e Impressiona saber que tudo isso ficava lançado logo ao

«primeiro assalto» — atente-se na riqueza de «Bairro do Oriente», no entusiasmo «paisagístico» da «Afurada», na beleza pura de «Sei de Uma Camponesa» e na sensibilidade madura de «Saiu para a Rua».

«Ar de Rock» foi, já se percebeu pelo «desmentido de marasmo» em que se transformou na época do seu lançamento, um disco que foi longe por culpa das circunstâncias, que valeu primeiro como aventura e depois como pretexto. Hoje, a 8 anos de distância (e já depois de Rui Veloso ter «explicado por extenso» ao que vinha, em «Fora de Moda», em «Guardador de Margens» e em «Rui Veloso») vale como um momento em que a uma indesmentível ingenuidade e a uma opção de instrumentação simples (voz-guitarra-baixo-bateria-piano ocasional, harmónica esporádica) se alia uma forma bastante definida do que viria a ser o percurso de um cantor soberbo e de um autor que conseguiu transformar-se num dos poucos casos de «crossover» nacional, ultrapassando gerações e preferências estilísticas demarcadas.



Rui Veloso por altura do lançamento de «Ar de Rock», ainda de bigode

Sem ter culpa da febre «rock» que se seguiu à implantação de «Ar de Rock», sem poder ser responsabilizado pelos excessos que marcaram boa parte da produção

que pretendia ser sua concorrente, Rui Veloso prepara-se para um duplo desafio de duplos: a edição de um álbum ao vivo, recuperando os Coliseus de Lisboa e Porto que vibra-

ram com o seu «sumário» essencial, realizado no ano passado e a chegada de um «concept» em que ele e Tê pretendem embrenhar-se na história de «Mingos e Os Sa-

murais», para dar muito que falar. A isso, desde este «Ar de Rock» e desde a sua mudança do Porto para Lisboa, Rui Veloso já deve estar habituado, tanto mais que se transformou num campeão de vendas ao primeiro disco...

■ RUI VELOSO, «Ar de Rock». LP gravado por José Fortes, com produção de António Pinho. Onze canções, incluindo um instrumental, com músicas de Rui Veloso e textos de Carlos Tê (oito) e António Pinho (dois). A banda sonora que acompanhava Veloso era constituída por Zé Nabo (baixo) e Ramon Galarza (bateria). O álbum contém ainda um pequeno «glossário» para decodificar várias gírias. Edição Valentim de Carvalho.

1981

HERÓIS DO MAR

«Heróis do Mar»

VIGOR E RIGOR

QUALQUER outro grupo com uma menor convicção e com uma menos equilibrada noção do projecto que lhe interessava seguir teria desistido com seme-

lhante campanha — num ano em que o «pop» português, espicaçado pelo sucesso de Rui Veloso e por uma fugaz, anárquica e inconsequente abertura radiofónica decidiu emergir e mostrar que, embora tivesse tudo por dizer, já tinha tudo «escrito» —, os Heróis do Mar foram claramente vítimas de uma série de «vistas curtas» e de complexos que se erigiram quando um primeiro disco até agora sem par na respectiva carreira veio mexer em feridas mal saradas e pôr questões, falando a sério, ao contrário do que havia sido feito pela maioria das «novas estrelas» nacionais.

«Heróis do Mar», deve reconhecer-se ainda agora, depois de canções de alcance específico como «Amor», «Paixão», «Alegria» e «O Inventor», depois de álbuns como «Mãe», «O Rapto» (mini-LP), «A Lenda dos Heróis do Mar» (colectânea) e o excelente «Macau», foi um disco espantosamente avançado para o tempo em que o «pop» de produção portuguesa se dividia entre o humor facilitado e o trocadilho de efeito imediato e a «trip» que determinava o seguimento à risca de modelos estrangeiros e nem sempre muito recentes. Este álbum tinha, do princípio ao fim, uma construção magní-

fica, muito bem instrumentado (o que não espantava dada a experiência anterior de todos os músicos com excepção do cantor) e, sobretudo, invulgarmente imaginativo. Depois, era escrito com um vigor e com um rigor que impressionava de imediato, jogando de forma activa e de «peito feito» com situações e valores que, de repente, tínhamos decidido esquecer e renegar quase por reflexo. Finalmente, havia em «Heróis do Mar» um pormenor que valia por todos os argumentos teóricos que se lhe quisessem opor — é que este disco tem canções imorredoras, como «Brava Dança dos Heróis», como «Salmo» (que os Heróis recentemente recuperaram para os seus concertos) e como «Saudade», um dos mais belos momentos musicais da década.

O que assustava então os bem pensantes? A imagem, «militarista e agressiva» — argumento que foi rapidamente abandonado depois de se ver em palco o comportamento dos «insuspeitos» Dexys Midnight Runners de Kevin Rowland que chegavam a marchar a compasso. A estética, a que um jornal influente nessa época chegou a chamar fascista — só se usar a Cruz de Cristo



Os Heróis do Mar na rotativa de «A Capital», em visita efectuada ao Jornal, em 1981

e dizer-se que «dos fracos não reza a história» são sintomas de fascismo estético... Com o tempo, foi-se percebendo que não, que tudo não passara de um grande disparate e que os Heróis do Mar nem sequer tinham armado uma cilada aos

seus «previsíveis» detractores. Felizmente, eles souberam resistir...

E, directa e indirectamente, transformar-se num verdadeiro «grupo de pressão» dentro do «pop» nacional, mantendo sempre a mesma formação —

Pedro Ayres Magalhães e Paulo Pedro Gonçalves vinham dos «punks» Faíscas, Carlos Maria Trindade juntara-se-lhes dos menosprezados Corpo Diplomático, António José de Almeida vinha dos Tantra, Rui Pregai da Cunha

vinha...do mundo da moda. Pedro Ayres Magalhães e Carlos Maria Trindade transformaram-se em influentes produtores e os Heróis acabaram por passar de «malditos a figuras de proa e a referência obrigatória para a música moderna portuguesa. Sinal evidente de que nunca foram fracos — a história fez-se com eles...

■ HERÓIS DO MAR, «Heróis do Mar», LP gravado no Angel Studio em Setembro e Outubro, com produção de António Pinho e arranjos de grupo. Oito canções, incluindo um instrumental, com músicas assinadas pelo grupo e letras da responsabilidade de P. Ayres Magalhães e C. Maria Trindade. Edição Polygram.



Electrolis
COM. ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.

FERGUSON

TELEVISÃO
VIDEO
AUDIO

laGERMANIA

FOGÕES ELECTRICOS, A GAS E MISTOS
PLACAS DE ENCASTRAR
FORNOS DE ENCASTRAR
C/ SISTEMA MULTI-FUNÇÕES

W White-Westinghouse

FRIGORIFICOS
MÁQUINAS DE LAVAR

MONDIAL
frigor

ARCAS CONGELADORAS — FRIGORÍFICOS
VITRINAS P/ LACTICÍNIOS E GELADOS
ARREFECEDORES GARRAFAS

MONDIAL
FOGÕES

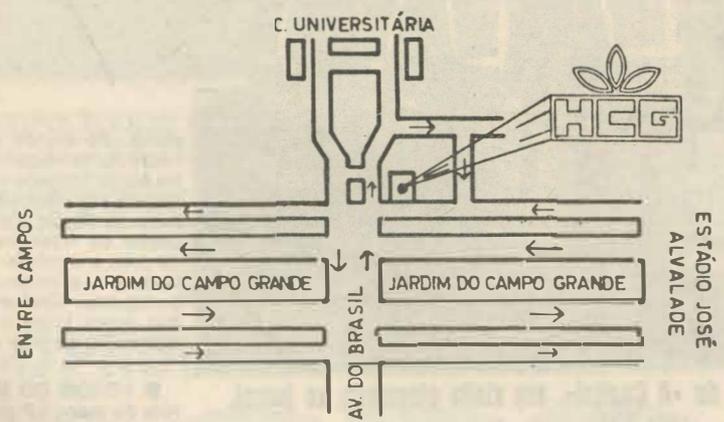
FOGÕES ELÉCTRICOS, A GAS E MISTOS

SEDE / LEIRIA
R. João de Deus, 5. 1.º — 2400 LEIRIA
Telefones: 334 01 334 17 — Telex ELIND P e 132 239 ELISP
Telefax: 32 139
DELEGAÇÃO LISBOA
Rua dos Correiros, 14. 4.º — 1100 LISBOA
Telef. 32 13 81/2 — Telex 16 817
DELEGAÇÃO NORTE
Rua Nova do Seixo, 271 — 4450 SENHORA DA HORA
Telefones: 951 97 00 - 952 02 28
Telex 28 877 ELISPO P



Horto do Campo Grande, Lda.
CAMPO GRANDE, 171 — 1700 LISBOA
TELEFS. 77 23 83 • 73 21 95

PLANTAS ORNAMENTAIS DE EXTERIOR E INTERIOR
VENDA • ALUGUER • DECORAÇÃO • SERVIÇOS
DE MANUTENÇÃO



VISITE-NOS
SHOPING CENTER DAS AMOREIRAS
LOJA N.º 1007 — TELEFONE 69 25 53



CLINICA DR. AVELAR



PEDIÁTRICO
Avaliação do desenvolvimento físico, intelectual e emocional da criança (Até aos 9 anos)

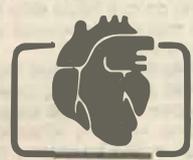


GERAL
Visão global sobre o seu estado de saúde, com ultrassonografia (ecografias abdominal, renal e pélvica)

check-up



GERIÁTRICO
Exame clínico completo para pessoas com mais de 65 anos. Para uma tranquila 3.ª idade



ATEROSCLEROSE
Prevenção do enfarte e do acidente vascular (estudo pormenorizado dos lípidos, E.C.G. c/ esforço e Doppler) (A partir dos 40 anos)

Ecografia, Endoscopia, Doppler, ECG simples e c. esforço, Espirometria, Oftalmologia, Análises, Consultas de Clínica Geral e especialidades, Exames de admissão a empresas, Medicina do Trabalho

Av. do Brasil, 184, r/c dir - 1700 LISBOA - Tel. 809021 c/ BA - Telex 64981 Ritej P

1982

FAUSTO

«Por Este Rio Acima»

PEDRA DE TOQUE

ERA certamente uma das situações mais desagradavelmente irónicas da música portuguesa — ao longo de quatro álbuns («Pró Que Der e Vier», «Um Beco com Saída», «Madrugada dos Trapeiros» e «Histórias de Viajeiros») gravados entre 1974 e 1979, já depois de um primeiro disco que é hoje uma rara peça de colecção e gravado/publicado muito antes do 25 de Abril, Fausto confirmara que era um dos homens da «canção de texto», um dos *resistentes*, um dos predestinados da música popular portuguesa. No entanto, era quase certo que o grande público o conheceria ou distinguiria quase exclusivamente como o inspirado compositor que permitira a Sérgio Godinho uma das suas mais belas interpretações de sempre com «O Namoro», poema de Viriato da Cruz.

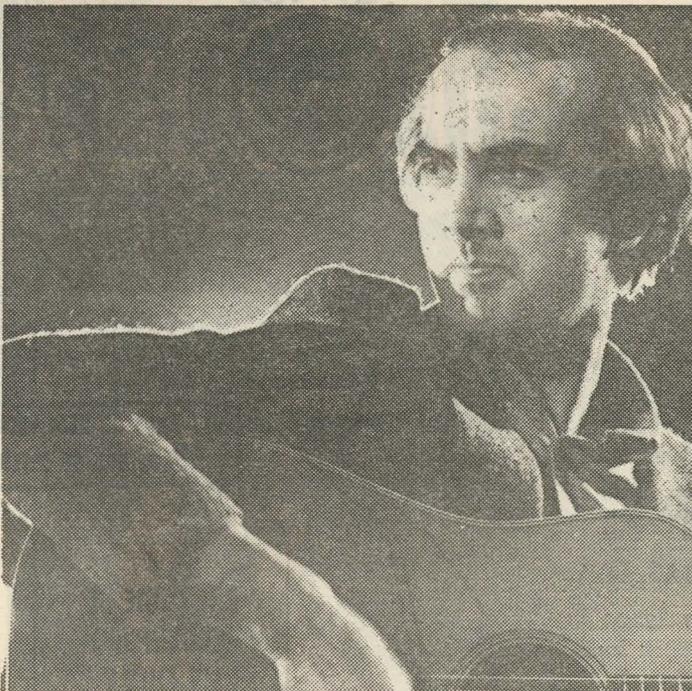
Foi preciso esperar por 1982 para que Fausto metesse ombros ao disco que o traria à primeira linha, ao lugar a que as suas canções anteriores (e as memórias são demasiadas para se poder citar apenas «Comboio Malandro», «A História da Casa Vazia», «Atrás dos Tempos» e «Eu Tenho um Fraquinho por Ti») já deveriam tê-lo conduzido. Foi preciso que Fausto seguisse a via mais difícil e, indiscutivelmente, a mais trabalhosa — longe de se impor com uma canção ou com um disco de canções,

foi necessário que ele se abalancasse à ciclópica tarefa de elaborar (um texto e em música) uma nova leitura da «Peregrinação», de Fernão Mendes Pinto, para que se tivesse plena consciência da grandeza e da seriedade empenhada do seu trabalho.

«Por Este Rio Acima» foi — e será sempre — um trabalho de espanto puro, pela forma como Fausto foi capaz de aplicar o mundo infinito da tradição musical portuguesa e de o filtrar através dos seus próprios dotes como compositor, tudo isto servindo uma ideia quase cinematográfica, quase teatral, de uma história em que cada personagem é uma ideia, em que cada diálogo é uma alegoria, em que cada canção é uma reflexão profunda e cativante sobre o *devir* português.

Mais espantoso se torna o facto de «Por Este Rio Acima» ser, feitas todas as contas, uma obra suficientemente 'aberta' para permitir que as suas componentes mais empolgantes («O Barco Vai de Saída», «Porque não Me Vês», «A Guerra É a Guerra», «Como um Sonho Acordado»,

«A Voar por Cima das Águas», «Por Este Rio Acima», «Navegar, Navegar», «Lembra-me um Sonho Lindo» e «Quando às Vezes Ponho



Fausto — uma via difícil e trabalhosa

Diante dos Olhos») tenham uma eficácia idêntica mesmo que sejam tomadas e desfrutadas fora do conceito.

Obra sem qualquer hipótese

de esgotamento, «Por Este Rio Acima» é ainda pedra de toque na obra de Fausto, que depois disso já assinou «O Despertar dos Alquimistas» e

«Para Além das Cordilheiras». Mas quando o quiserem ilustrar, quando o definirem como um dos combatentes da verdade portuguesa que não dispensa as novas ideias e não sobrevive sem a presença constante de uma ancestralidade que se sente na sua música, compasso a compasso, vão por certo ter que o acompanhar em todos os momentos da sua peregrinação, fonte que não seca e não se estraga...

■ FAUSTO, «Por Este Rio Acima». LP duplo, gravado na Primavera e Verão com produção e direcção musical de Eduardo Paes Mamede, co-responsável pelos arranjos juntamente com Fausto, que assina a letra e música dos 16 temas. Edição Sasseti.



1983

ANTÓNIO VARIações

«Anjo da Guarda»

CORAGEM DE PROVOCAR

SE hoje impera um espírito de saudável «desrespeito» e de modicidade na música «pop» portuguesa, se começa a ser comum ver os criadores contemporâneos a inspirarem-se naquilo que há de mais profundo na «arte de ser português», António Variações foi — em todos os sentidos — um precursor desta atitude e um dos primeiros grandes da década a preocupar-se com a componente da imagem para complementar e sublinhar cada uma das canções.

Desde o princípio da sua carreira António Variações aliou uma linguagem e uma musicalidade «para-folclóricas» (para utilizar a expressão feliz de Mário Martins, o responsável pela sua contratação), trazendo às canções «pop» uma poesia que não envergonharia a sensibilidade de um António Aleixo moderno, despreconceituado e corajoso para enfrentar uma série de convenções que, agora, se sentem substancialmente menos por seu mérito, a uma ideia concisa e «combativa» do que podia ser a mudança. Por um lado, ele conciliava a ruptura «Estou Além», «Onda Morna») com o misticismo («Ficções-Nostradamus»); por outro, não hesitava em misturar uma nova moralidade, não

confundir com moralismo fácil e serôdio «O Corpo É Que Paga», «É Pr'a Manhã») com uma devoção pela mulher e pelo símbolo que o «levavam» a cantar («Voz-Amália-de-Nós»).

«Anjo da Guarda» foi o primeiro dos dois álbuns que António Variações teve tempo para gravar. De uma forma provavelmente mais imperfeita do que «Dar&Receber», o segundo e último dos seus discos, chegou para dar a ideia de um artista original, desde a voz à temática, desde a escrita aos arranjos das canções, aqui sublinhados pela técnica preciosa de Moz Carrapa e de Toli (G.N.R.). Mais do que isso: António lançava a tempo inteiro — e com a parceria quase exclusiva de Rui Reininho, o «front-man» dos G.N.R. — a ideia do que podia e devia ser a *ilimitação* de um «performer» em palco, sabendo redescobrir os heróis e os fantasmas quando, por exemplo, assinava em concerto uma excelente versão de «Celluloid Heroes», dos Kinks.

Podemos sentir a falta que António Variações faz ao universo «pop» português, demasiado viciado e repetitivo as mais das vezes, necessitado



António Variações: despreconceituado e corajoso

de uma visão (aparentemente) exterior de um homem que trazia consigo a alegria de cantar e a coragem de provocar sem precisar de ser rebuscado e maquiavélico. Podemos também conjecturar sobre o que

teria sido o futuro de António Variações se a doença não lhe tivesse cortado cedo a carreira e não tivesse servido, até na morte, para o caluniarem. Uma coisa é certa: quando Lena d'Água e os Delfins decidem

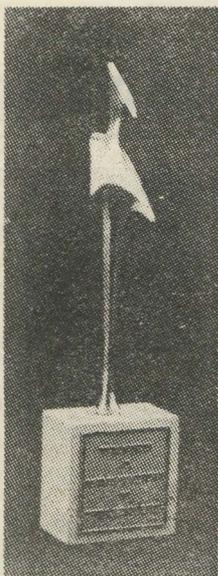
pegar em canções de Variações e trazê-las de novo à exposição plena e revitalizada mais não estão a fazer do que um acto de emocionada justiça perante um autor que, embora de forma finita, dispõe de um

património que nunca é demais lembrar e reviver.

António Variações foi, à sua maneira e enquanto pôde, um mestre. E mesmo que as pessoas se apercebam pouco do facto, urge reconhecer que é depois dele e de um disco, como este — dedicado a Amália — que se pode escrever que nada será como antes...

■ ANTÓNIO VARIações, «Anjo da Guarda». LP produzido por Moz Carrapa e Toli, gravado nos estúdios Valentim de Carvalho, em Paço de Arcos, e composto por dez canções de António (Variações) Rodrigues Ribeiro. Edição Valentim de Carvalho.





**Troféu
Tradição e Prestígio
«Portugal 86»**

SERVILIMPE

LIMPEZAS TÉCNICAS MECANIZADAS LDA



17 anos de uma verdadeira
empresa de serviços

PRESTIGIE-SE
ESCOLHENDO
UMA FIRMA
DE PRESTÍGIO

APOIADA POR:

- preparação técnica profissional
- fabricação de produtos
- importação directa de máquinas

QUE LHE OFERECE:

- melhor preço
- melhor serviço

QUE POSSIBILITA:

- menos custos

SERVILIMPE

LIMPEZAS TÉCNICAS MECANIZADAS, LDA.

RUA MAJOR NEUTEL ABREU, 12 — 1500 LISBOA
Telex 62395 SLIMPA P

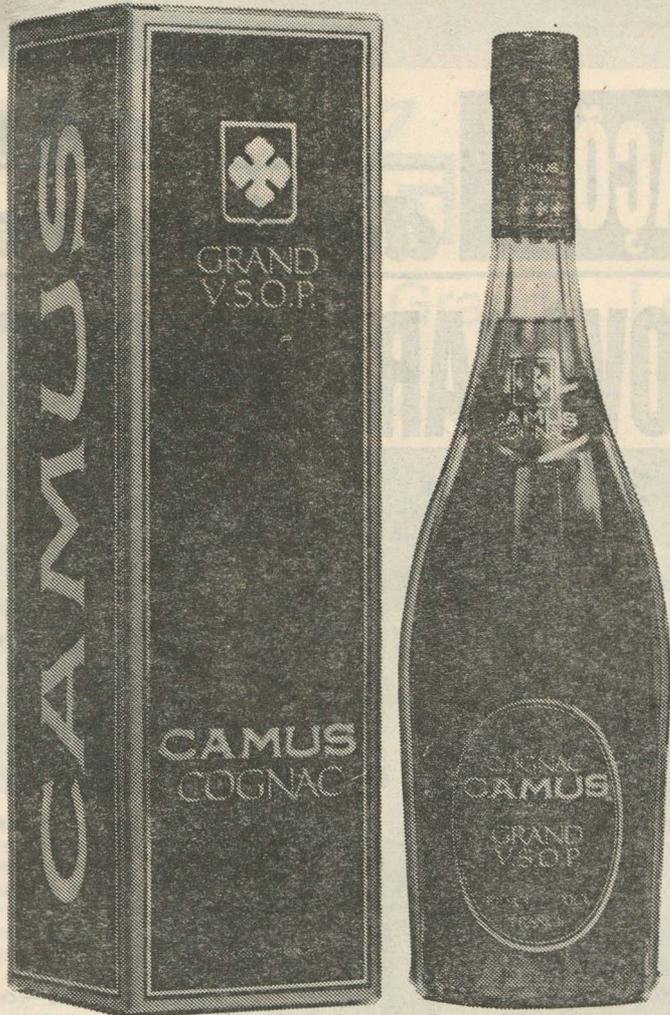
☎ ★ 78 90 61 (PPCA 6 linhas)

DELEGAÇÃO EM COIMBRA:

RUA PADRE ESTÉVÃO CABRAL, 79. Saia 103
(Edif. Fernão de Magalhães)
Telef. 3 58 93 — 3000 COIMBRA

MELHOR QUALIDADE
LIMPEZAS DIÁRIAS EM:

Bancos, Escritórios, Fábricas, Hospitais, etc.



IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

A. RODILES, L^{DA}

Rua da Escola Politécnica, 15-17 — 1200 LISBOA
Telefones 32 72 92-36 10 74



FOTOGRAFIA—VIDEO
COMPUTADORES
CALCULADORAS

RICOH MINOLTA EXAKTA PENTAX
Canon Panasonic SANYO CASIO
cinefoto avis ACTUAL

igre IMAGEM

AMOREIRAS - Shopping Center de Lisboa
- loja 1113 (1.º piso) e loja 2048 (2.º piso)

R. TOMÁS RIBEIRO, 43-B

- Tel. 56 32 01

R. BRAAMCAMP, 9

- Tel. 55 48 67

R. NOVA DO ALMADA, 82/4

- Tel. 32 46 70

AV. DA IGREJA, 43-B

- Tel. 77 08 52

CENTRO COMERCIAL DE ALVALADE

- loja 5 - Tel. 80 49 04

CENTRO COMERCIAL DO LUMIAR

- lojas 25 e 26

GRUPO ACTUAL
COMERCIO



1984

TROVANTE

«84»

LINGUAGEM
«PARABÓLICA»

DE todas as carreiras que a música portuguesa tem podido observar e acarinhar, a dos Trovante é por certo a mais demonstrativa do que pode ser a saudável e constante evolução de um grupo que, se bem que a sua situação comercial lhe permitisse jogar com certezas e com seguranças, não tem hesitado em arriscar e em deixar que os desequilíbrios pontuais acabem por ser resolvidos como pistas de trabalho.

Apesar disso, se fosse preciso descobrir um disco «charneira» no longo caminho do(s) Trovante, é mais do que provável que a escolha viesse a recair em «84» — para trás tinha ficado a fase militante da «arte ao (exclusivo) serviço de...», a época em que os irmãos Represas, Manuel Faria e João Gil não ultrapassavam o estatuto do grupo de partido, dimensão reforçada pelas palavras de Francisco Viana («letrista oficial» do conjunto no arranque da carreira) univocacionadas e quase unisonantes, o tempo de «Chão Nosso» e de «Em Nome da Vida». Tratava-se agora de mostrar que também «Baile no Bosque», ainda pouco coeso do ponto de vista das palavras e ingénuo na perspectiva dos arranjos e das distribuições instrumentais mais adequadas a cada uma das canções, e «Cais das Colinas», o álbum que sofreu com a responsabilidade e com a pressão de se seguir ao disco-exploração, faziam parte de um orgulhoso e frutífero passado, sendo urgente a alternativa.

Agora, depois de «Sepes» e, sobretudo da viagem histórica de «Terra Firme», «84» surge claramente como o disco em que a definição dos Trovante começou a valer pelo rigor e pela competência, tanto quanto pelo sentimento e pela inspiração. Se eles eram e são uma das pontes privilegiadas entre várias gerações de músicos e de melómanos portugueses, valem ao mesmo tempo como um grupo que aprendeu a pedir o mais adequado a cada uma das suas individualidades, como um bloco que respeita e potencia as sete aptidões individuais. E que além disso é capaz de fazer canções em todos os quadrantes — em «84», os Trovante estreavam o fado com a «Travessa do Poço dos Negros»; descobriam uma linguagem «parabólica» para aquilo que podia chamar-se a nova música de intervenção, com a poesia de Carlos de Oliveira a pautar a «Xácara das Bruxas Dançando»; inventavam a tradição no cântico inesquecível que é «Molniera»; mantinham acesa a chama das canções



Os Trovante são uma ponte entre várias gerações de músicos

«de água», com vantagem para o «Fim do Mar» sobre o «Rio Curioso» — questões de dimensão...; descomplexavam

em absoluto um tema que o grupo tinha hesitado em tratar de forma tão aberta, com um «Sorriso» tão tocante como

continuamente menosprezado; aceitavam como dado infalível a sua urbanidade e a respectiva consequência, fazendo da

«Espianada» uma plena declaração de princípios...

Tudo isto — e mais a voz de Luís Represas e a forma como o colectivo soube dar a volta por completo ao som de «Baile no Bosque» e «Cais das Colinas» — chegaria para fazer de «84» um disco-chave. Teve mais um mérito: serviu de base à conquista do Coliseu pela nova geração, em espectáculos que não dessacralizaram a «catedral», muito pelo contrário...

■ TROVANTE, «84». LP gravado entre 27 de Fevereiro e 30 de Março, em Paço d'Arcos, produzido pelo grupo, tendo como engenheiro de som Tó Pinheiro da Silva. Canções: Carlos de Oliveira, João Monge, João Gil, Luís Represas e Rui Represas assinavam as letras, juntando-se a duas «tradicionais» e a um instrumental; as músicas eram de João Gil, Luís Represas e José Martins, com «Molniera» tradicional. Edição EMI-Valentim de Carvalho.

1985

XUTOS E PONTAPÉS

DISCO DE GUERRA

«CERCO»

CLARO que foi «Circo de Feras» o grande responsável pela transformação dos Xutos & Pontapés, o único grupo sobrevivente (descontado o caso das intermitências dos UHF,

agora aparentemente reactivados) da primeira vaga portuguesa do «pós-punk» que revelou Faíscas, Aqui d'El Rock e Minas & Armadilhas. Claro que tudo seria mais bonito relativamente a este disco se não estivesse neste momento a decorrer um processo judicial entre o grupo e a editora Dansa do Som, acusada de atitudes que — a confirmar-se — nada abonariam em favor de quem diz defender o espírito «independente e alternativo».

Apesar disto, é líquido que «Cercos» foi o disco de guerra dos Xutos & Pontapés, o mini-LP que veio confirmar que o trabalho de «sapa» da banda durante quase uma década de existência, mantendo-se fiel ao seu decibélismo artesanal e «de combate», cumprindo uma imagem e uma atitude que, sem surpresa, se mostra mais mobilizadora e militante do que qualquer outra, tinha resultado em pleno e tinha servido para implantar o nome do grupo junto das «pequenas comunidades» de consumidores, transformando-os aos poucos em núcleos alargados de indefectíveis contribuintes da «causa» (e acredite-se que esse é o espírito que preside à continuidade «forte e feia» dos Xutos & Pontapés), hoje transfor-

mada em associação do mais alto nível de participação.

Os Xutos tinham conseguido isto apesar de todos os azares e de todas as limitações: dois «singles» e um álbum de pura energia tinham ficado «arquivados» com o fim da editora Rotação, peregrinamente conduzida por António Sérgio, o homem de todos os talentos; alertada a Fundação Atlântica — responsável pelas descobertas de Anamar e da Sétima Legião — os Xutos gravariam mais um «single» para o «grupo de pressão» que acabaria por dissolver-se. Ultrapassando o impasse de algumas promessas adiadas, os Xutos acabariam por não hesitar em tomar-se o nome mais forte da «indie» Dansa do Som, fazendo deste «Cercos» um reencontro com o público que, por essa altura, já esgotava lotações e decorava as canções da banda que, como seria inevitável, acabou por dar o salto para uma «major». Que, diga-se, beneficia agora do intenso trabalho dos próprios músicos ao longo de uma série de anos, tocando continuamente, arriscando salas e condições em que outros torceriam o nariz e prefeririam abandonar os «palcos».

Não é difícil recordar a odis-



Com o «Cercos», o Xutos e Pontapés rompeu o cerco

seia que «Cercos» — distribuído com as limitações de uma «independente» de escassíssimos meios — valeu a alguns lojistas de todo o país, confrontados com a ira dos milhares que não queriam perder al-

gumas das melhores canções de Tim Kalu, Zé Pedro, João Cabeleira e Gui e que aqui estão em versões nuas e cruas: «Homem do Leme», «Contame Histórias», «Barcos Gregos», e «Voo das Águias» va-

liam «fúria» dos Xutos que aqui mesmo mostravam força suficiente para desmentir o título deste disco. Ficava aqui rompido definitivamente o «cerco» que ameaçava estrangular uma das mais genuínas

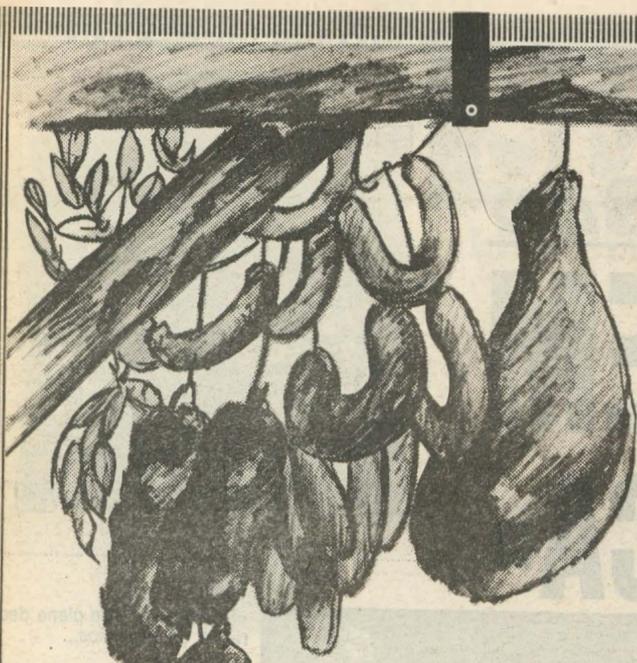
CERCO



XUTOS & PONTAPÉS

e poderosas bandas do catálogo nacional — tudo o que veio depois serviu apenas para confirmar que a entrega e a aplicação sincera ainda são as melhores armas para se vencerem as batalhas. Agora os Xutos têm mais uma, quando deixarem de ser uma moda querida da perigosíssima «intelligentsia» que julga pôr e dispor de todos os destinos alheios...

■ XUTOS & PONTAPÉS, «Cercos». Mini-LP. gravado no Rock Rendez-Vous de 3 a 5 de Novembro (Instrumental) e de 11 a 17 do mesmo mês no Estúdio 16 (vocal). Produção do grupo que assinava colectivamente as músicas, deixando as letras ao cuidado de Tim. Edição Dansa do Som.

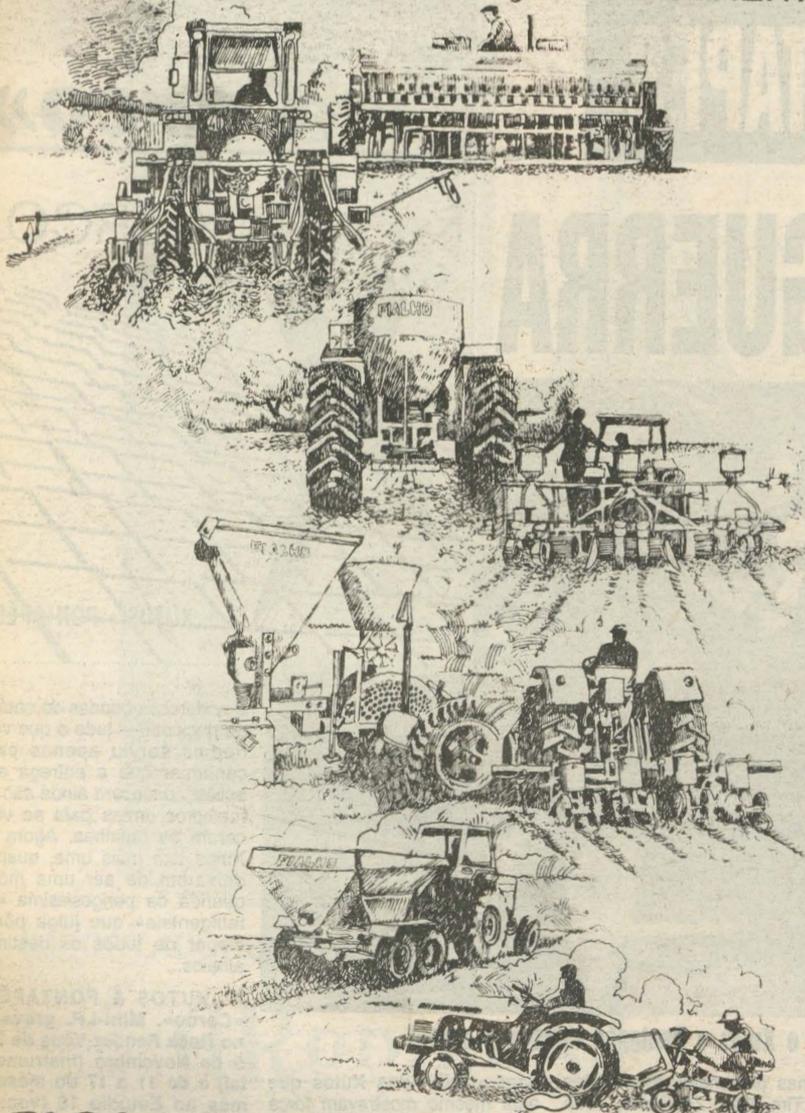


ibérico

HIPERMERCADO
PAÇO DO LUMIAR

FEIRA DO QUEIJO
E DOS
ENCHIDOS
DE
13 A 29 FEV.

EQUIPAMENTOS PARA SEMENTEIRA,
PLANTAÇÃO, FERTILIZAÇÃO E COLHEITA



FIALHO & IRMÃO, LDA.
FÁBRICA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS • HORTA DE BARREIROS
TELEFS. 24107/8 - 28593 • 7000 ÉVORA • TELEX 44076 FIALH-P



SICASAL

SOC. IND. E COMERCIAL DE AVICULTURA E SALSICHARIA, LDA.

UMA INDÚSTRIA AO SEU SERVIÇO

MATADOURO INDUSTRIAL • CARNES FRESCAS
CARNES SALGADAS • CARNES CONGELADAS
PRODUTOS DE SALSICHARIA

SEDE: MATADOURO E FÁBRICA — Vila Franca do Rosário — 2685 MALVEIRA
Telefs.: 71424/5/6 — Telex: 13175 SICASA P

1986

GNR

«Psicopátria»

SIM OU SOPAS

BASTARIA citar o caso dos GNR (a quem nunca ninguém se preocupou em chamar Grupo Novo Rock para os distinguir «dos

outros» para se perceber como a «galinha dos ovos de ouro» em que se transformou o «rock» português depois do êxito de Rui Veloso (com «Ar de Rock» e, muito especialmente, com «Chico Fininho») foi uma das maiores calamidades que podia ter acontecido aos músicos da nova geração portuguesa. Com a mistura deliberada e consciente de trigo (cada vez menos, na época) e de joio (com mira no lucro fácil que inevitavelmente advém de se gravar sem condições e sem nexos um grupo que dá tudo e «oito tostões» em troca de um disquinho), podia ter-se arrastado na torrente o mais espectacular e consistente dos projectos «pop» nacionais.

Facto que, depois de dois «singles» de «afirmação», da fase de humor fácil do «pop» português («Portugal na CEE» e «Sê Um GNR») começou a provar-se com o álbum «Independência», em que a Alexandre Soares, Vítor Rua e Toli Cesar Machado (além do episódio Miguel Megre) vinha juntar-se o cantor/homem de palco que acabaria por transformar-se na figura de toda a música moderna nacional: Rui Reininho. A saída de Vítor Rua acabou por não ter o efeito negativo que alguns preconizaram — a chegada de Jorge Romão tornou os GNR



GNR — outra vez sinais de vida

mais «soltos» e coesos, como o mini-LP «Twistarte» e, sobretudo, o álbum «Defeitos Especiais» evidenciavam. Canções a todo o gás, beneficiando de uma instrumentação em que só Alexandre Soares era chamado ao brilho e das melhores letras do «pop» português (Reininho já foi considerado o maior poeta português *ao vivo*) permitiam chegar

ao nível de «Sete Naves», a obra-prima de «Os Homens não Se Querem Bonitos».

Apesar disso e mantendo um «nível exibicional» impressionante, os GNR ameaçavam ser um grupo quase «confidencial», prejudicados pelas desconfianças em relação a terceiros. Só 1986 e «Psicopátria» viriam fazer justiça, correspondendo à gravação tensa e contagiante de canções

como «Pós Modernos», «Dá Fundo» e «Choque Frontal», ao monumento que é «Ao Soldado Desconfiado», ao humor de «Nova Gente», à angústia contida de «Bellevue», ao desabafo sarcástico de «Efectivamente», o «hit» radiofónico. «Psicopátria», ironicamente a última gravação de Alexandre Soares com a banda em que seria substituído por Hermínio Tavares, foi o disco «sim ou

sopas» dos GNR, praticamente gravado «ao vivo» em estúdio, foi o passaporte para os concertos superlativos do Voxmanias e da conquista do Coliseu, prova de que o público voltou a abrir ouvidos e cabeças à nova produção.

No caso dos GNR — que já voltaram a dar sinais de vida e de graça com o máxi «Video Maria», «Homens Temporariamente Sós» e «USA», prome-

tendo um excelente novo álbum para o ano em curso — era inevitável esta rendição: se o crime tem castigo, o mérito deve ser premiado de todas as maneiras. Quem tinha pose e substância, facto e figura, canção e intenção, sarcasmo e tensão não podia andar longe dos destinos de uma geração (ou mais do que isso...) que descobriu novas conjugações para o verbo «abrir»...

■ GNR, «Psicopátria». LP gravado e misturado nos estúdios de Paço d'Arcos, com os engenheiros de som Amândio Bastos e Paulo Neves. Produção e arranjos do grupo, canções de Rui Reininho, Alexandre Soares, Toli e Jorge Romão, músicas, Rui Reininho, letras. São onze, incluindo um instrumental. Edição EMI-VC.

1987

VÁRIOS

«Os Dias da Madredeus»

DO POPULAR AO ERUDITO

ALÉM da sensibilidade e da multiplicidade de talentos reveladas por alguns dos seus «arquitectos sonoros» — nomeadamente de Pedro Ayres Magalhães, vindo dos Heróis do Mar, de Rodrigo Muñoz e Gabriel Gomes, músicos da Sétima Legião — um projecto como «Os Dias da Madredeus» pode ser interpretado como um claríssimo sinal de maturidade da nova geração de músicos portugueses ou, pelo menos, de alguns dos seus pontas-de-lança. Com «Os Dias da Madredeus» sacrifica-se o objectivo sacrossanto da carreira indefinida no tempo e vista com uma luta contínua, prefere limitar-se o âmbito de acção a um momento determinado e, dentro dele, definir aquilo que pode valer como alternativa e como sintoma de autonomia.

Em «Os Dias da Madredeus», os sinais foram múltiplos: o primeiro e mais evidente foi a escolha radical de que, em todas as canções, o silêncio substituiu a percussão e que a marcação rítmica estivesse a cargo de instrumentos habitualmente mais «discursivos»; o segundo é, sem margem para dúvidas, a voz de Maria Teresa Salgueiro, uma revelação que, a uma técnica que lhe permite gravar sem rede e quase sem falhas um disco que não é o melhor exemplo de uma «pêra doce», junta um sentimento quase sempre superior e enlevante; o terceiro tem a ver com o privilégio depoluidor dos instrumentos acústicos (viola, acordeão, violoncelo) e com a caracterização intencional do único «eléctrico» (um órgão absolutamente inofensivo); quarto, o ambiente musical

predominante nas canções, peçadas de melancolia e de interjeições vocais portuguesas, quase sempre pedaços de uma qualquer história e, a cima de tudo, instantâneos de ambientes e retalhos de sonoridades que vão do mais popular ao mais erudito; enfim, a opção pela gravação ao vivo, ainda por cima num local que podia — como pôde — transmitir a tudo isto um ar de cerimónia e, ao mesmo tempo, de canto de encantar...

Pena seria que «Os Dias da Madredeus» não viessem a dispor no conjunto de uma das obras mais importantes e potencialmente perenes da música portuguesa da divulgação que, sem dúvida, justificam e poderão rendibilizar a médio prazo. É que se canções como «A Sombra» ou «A Vaca de Fogo», «A Cidade» ou «O Meu Amor Vai Embora» estão



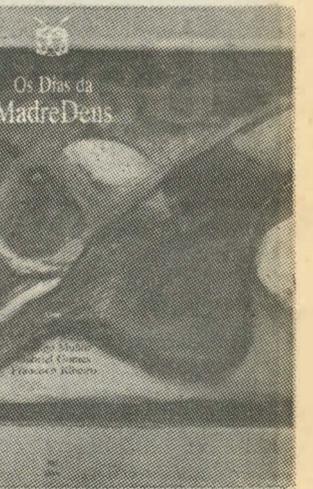
Um claríssimo sinal de maturidade da nova geração de músicos

muito longe do imediatismo e do consumo amorfo, elas revelam-se excelentes exemplos do que pode ser a «subida de nível» e o alargamento de vistas para a produção nacional, quase sempre afunilada em rótulos e em esquemas que, apesar da forma, pouco va-

riam nos conceitos.

Joga-se aqui com valores que, estando evidentemente ligados à indústria, ao mercado e ao mundo das canções, parecem estender-se para muito mais longe; isto é, demonstram à sociedade a possibilidade elástica que os portu-
 ges têm de se afirmar como tal em todas as artes e em todas as variantes. Em «Os Dias da Madredeus» não há brechas abertas nem conceitos a meio caminho — há um disco que podemos transmitir de geração em geração como as histórias para crianças ou as lengas-

lengas populares, já que a sua beleza e aquilo que nelas pode perdurar conta infinitamente mais do que o cenário da ocasião ou do que o circunstancialismo histórico. Há «dias» assim — mas não serão muitos, pode ter-se a certeza...



VÁRIOS, «Os Dias da Madredeus», LP duplo gravado nos dias 28, 29 e 30 de Junho, no Teatro Ibérico de Xabregas. Produção artística e direcção dos arranjos de Pedro Ayres Magalhães, com gravação de Pedro Vasconcelos e Miguel Gonçalves. Dezasseis canções, incluindo cinco instrumentais. Edição EMI-Valentim de Carvalho.

...O PRAZER, O SABOR, O SABER...

E DELTA sabe, como ninguém, criar o sabor do seu café. Somos um dos maiores importadores de café, preparando-o completamente, desde a torrefação, loteamento, embalagem e distribuição.

Cobrimos totalmente o mercado nacional, com uma frota de 98 unidades.

Crescemos no espaço e no tempo, indo de encontro ao seu prazer.

Um prazer de verdade!

Um sabor de verdade!

Um café de verdade!

Que Você bem conhece!

Conheça-nos também tão bem!



A VERDADE DO CAFÉ

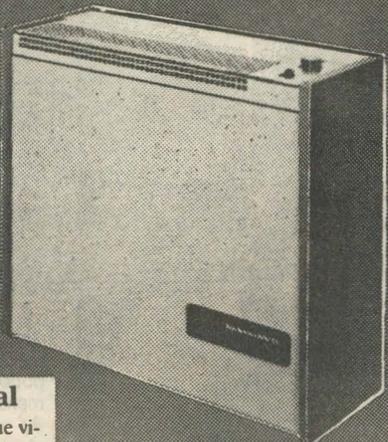


A escolha certa e económica para o aquecimento do seu lar

NOVIDADE

Baxi Brasília

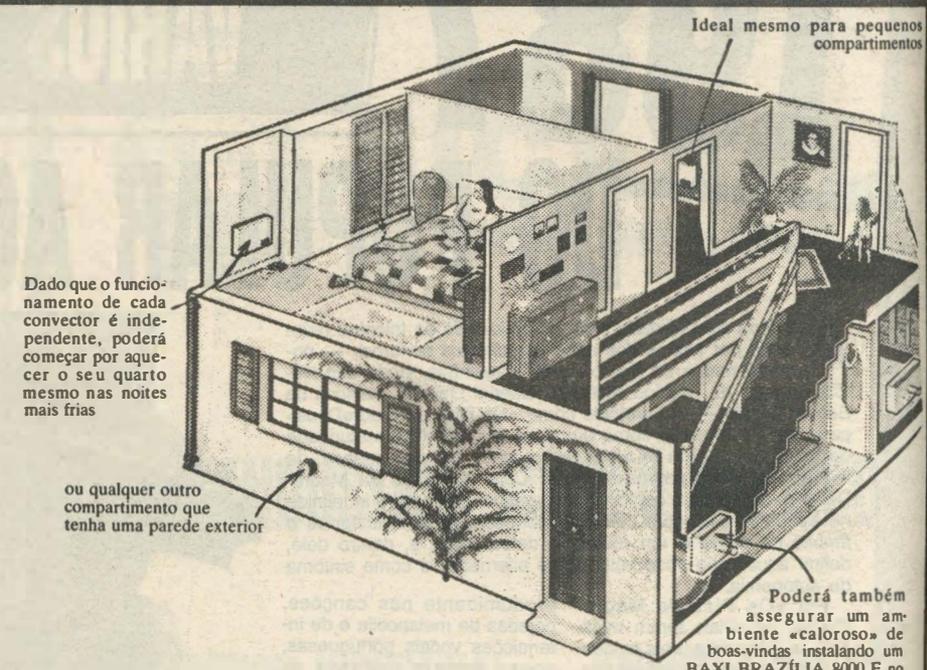
CONVECTOR A GÁS PROPANO OU BUTANO • MODELO 8000 E COM TERMOSTATO INCORPORADO



Segurança Total

Graças ao termopar que vigia permanentemente a chama, desligando o gás, automaticamente, assim que a chama se apagar.

Regulação	CONSUMOS			POTÊNCIA ÚTIL		
	Consumo de gás	Custo do gás	Horas funcionamento por kg de gás	Equivalente a um aquecedor eléctrico de:	Kca 1/h	Custo se o aquecimento fosse eléctrico
MÁXIMO	210 g/h	13865/hora	5	2,3 kw	1978	32520/hora
MÍNIMO	50 g/h	3825/hora	20	0,51 kw	429	7814/hora



O BAXI BRASÍLIA 8000 E aspira, do exterior, o oxigénio necessário à combustão do gás e, envia, para o exterior, os produtos da combustão através da conduta equilibrada. O ar do interior da sala é conduzido, até ao permutador em ferro fundido, onde é aquecido e, sai quente pela grelha superior. O resultado é um calor limpo, cómodo e seguro no interior do seu lar. A alimentação do gás far-se-á através da tubagem de cobre de pequeno diâmetro.

FUNCIONAMENTO INDEPENDENTE

(comandado por termostato)

Assegurando uma económica e boa distribuição do calor na casa, permitindo a escolha da temperatura mais adequada para cada divisão. Poderá adquirir uma unidade de cada vez, tomando mais suave a constituição do sistema de aquecimento do seu lar.

Instalação Rápida e Fácil

Acendimento imediato: Sistema piezoeléctrico sem fósforos ou pilhas

Instalação rápida e fácil
um serviço SHELL BUTAGAZ/PROPAGAZ



Informe-se junto da rede de agentes

Shell butagaz

IMPORTADOR
DISTRIBUIDOR

MAQUILUX
Máquinas e Equipamentos Domésticos, SA

RUA JOSÉ MAGRO • LOTE 1
SERVIÇOS:
ADMINISTRATIVOS: 63 31 31 / 2 / 3
COMERCIAIS: 64 63 63
TÉCNICOS: 64 63 66
TELEX 13 020 MARK — TELEG. MAQUILUX
1300 LISBOA